

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA EDUCAÇÃO

MULTIRIO

**Ludicidade
e espaço**

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00042



Prefeitura do Rio

**Este investimento
vale ouro para
a Cidade.**

Cesar Maia
Prefeito

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis
Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozório
Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme
Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno
Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita
Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz
Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozório** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Gerência Pedagógica: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**

Gerência de Jornalismo: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (subeditora) • **Fábio Aranha**, **Carolina Bessa** e **Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)

Gerência de Artes Gráficas: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação), **Adriana Simeone**, **Aline Carneiro**, **David Macedo Sá** e **Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares





DESENHO DO ALUNO OTÁVIO AUGUSTO SILVA DE SOUZA
CIEP AMÍLCAR CABRAL

- 4 editorial
- 5 cartas
- 6 zoom
Em que lugar você acha que é impossível se divertir?
- 8 ponto e contraponto
Sorrir para esquecer a dor
- 13 pan 2007
Pelo prazer de participar
- 14 carioca
Rio de Janeiro, cidade de bamba
- 17 século XX1
Experiência de integração
- 18 parceria
Convivência e sociabilidade
- 20 rede fala
Educação 'versus' paradigmas do meio ambiente
- 21 olho mágico
Na pauta, o 'Era uma vez...'
- 22 caleidoscópio
Valorização de conhecimentos
- 24 professor on line
Para pintar o retrato de um pássaro
- 26 capa
Um exercício de felicidade
- 33 atualidade
Guerra sem hora para acabar
- 37 presente do futuro
Conversa sem hora marcada
- 40 pé na estrada
Unidos pelo mesmo ideal
Um sistema em construção
A hora da alegria na escola
- 44 foi assim
Porta de entrada para o Rio
- 46 perfil
Uma vida dedicada à música
- 48 agenda
- 49 tudoteca
- 50 MULTIRIO na TV

Ludicidade e espaço

Neste mês, em que comemoramos o Dia do Professor e ao Dia da Criança, NÓS DA ESCOLA vem cheia de novidades. Dando continuidade às abordagens sobre a questão da ludicidade, esta edição trata das relações inusitadas entre ludicidade e espaço.

Há lugares que, à primeira vista, não são próprios à expressão da ludicidade. No entanto, em muitos deles a atividade lúdica opera transformações. Em hospitais, com a população carcerária, nos ônibus, ou nas vans, o prazer que vem da brincadeira melhora a qualidade de vida de crianças e jovens, faz o tempo passar mais rápido e transforma o cotidiano do trânsito engarrafado em uma experiência mais agradável.

Na seção *Ponto e contraponto*, a equipe da revista conversa com Sávio Moll, coordenador artístico do grupo Doutores da Alegria, que há 14 anos percorre enfermarias infantis no Rio, São Paulo e Recife, levando muita brincadeira e palhaçada às crianças internadas.

A seção *Zoom* registra as opiniões de pessoas sobre espaços em que a expressão da ludicidade não é possível. As respostas incluem agência de empregos, supermercado, hospital, casa da sogra, entre outras. Já a seção *Foi assim* mostra como a mudança histórica na ocupação do espaço altera a percepção que temos dele. É o caso do Largo da Prainha (próximo ao Morro da Conceição), antigo porto de escravos e hoje palco carioca do samba de raiz, um espaço lúdico por excelência.

Você também irá conhecer mais detalhes do Encontro Internacional Rio Mídia, promovido pela MULTIRIO, que acontecerá entre 18 e 20 de outubro.

Esta edição reserva também uma homenagem a todos os professores, os grandes mediadores da aprendizagem e da formação da cidadania de nossas crianças e adolescentes.

Aos Mestres, o nosso Carinho.

Sônia Mograbi



Sônia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para ouvidoria@multirio.org.br ou ligue para 2528-9282.

Reflexões sobre o tempo

Parabenizo a revista NÓS DA ESCOLA nº40 pelos artigos *Tempo, matéria-prima da vida* e *O lazer a serviço do capital*, pois além do excelente aprofundamento do tema, a sua pertinência nos conscientiza da pós-modernidade que nos “engole” literalmente, atropelando nossa vida e instituindo uma rotina padronizada e condicionada para todos. Orgulho-me de participar de uma rede escolar que se preocupa em discutir e refletir com seus inúmeros professores assuntos tão relevantes e atuais, utilizando para tal esta revista de altíssima qualidade. Nossa equipe já discute há muito a questão do tempo, principalmente a do tempo escolar. A implantação efetiva do ciclo de formação no nosso projeto político-pedagógico, o planejamento nos centros de estudos dos nossos sonhos e ações, o tempo para as nossas leituras e para a formação continuada, ainda são questões que nos afligem. Portanto, mais uma vez, esta revista veio ao encontro de nossas expectativas, fundamentando-nos e mostrando-nos que apesar de sermos uma megarrede, não estamos sós e formamos elos de reflexão e crescimento.

Gloria Knop da Silva e equipe
Escola Municipal Tenente Coronel PM
Eduardo Villaça

Formação de leitores

Desde o mês de agosto, 900 professores da rede municipal de ensino vêm participando do curso Leitura, Literatura e Formação de Leitores, uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação (SME) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). O curso, que segue até dezembro e com carga horária total de 80 horas, pretende contribuir para a formação



Alunos da Creche Municipal Jacó Inácio Gomes participam de atividade de integração com pais e familiares. No dia 18 de agosto, a contação de histórias ficou por conta das crianças

leitora dos professores, através do conhecimento intensivo de livros infantis e juvenis, e valorizar o espaço da biblioteca escolar pública. O curso contempla, entre outros temas, os diferentes gêneros literários, as diversas formas de utilização do livro literário em sala de aula, o conhecimento do acervo da escola e de diferentes autores. No final, será formado um grupo de discussão e troca sobre leituras entre os professores.

Desenho

Acompanhamos as publicações de desenhos na revista NÓS DA ESCOLA. Todos são muito interessantes. Gostaria de ver publicado o de nosso aluno Otávio Augusto Silva de Souza, de nove anos, da turma 302.
Ione Barbosa Nery
Ciep Amílcar Cabral
N. da R.: Agradecemos a contribuição. O desenho está publicado nesta edição.

Aniversário

Nós, professores e trabalhadores do Ciep Dom Oscar Romero, gostaríamos de parabenizar a nossa escola pelo seu vigésimo aniversário, no dia 5 de setembro. É uma honra para nós trabalharmos aqui, onde somos ensinantes e aprendentes, mostrando que o ensino público tem qualidade.

Estela Cunha
Ciep Dom Oscar Romero
N. da R.: A equipe de NÓS DA ESCOLA parabeniza o ciepe e todos os seus profissionais pela passagem do aniversário.

Correção

Na edição nº 41 de NÓS DA ESCOLA, na seção *Pan* 2007, erramos o sobrenome da coordenadora do Programa de Controle de Tabagismo da SMS. O correto é Sabrina Presman.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Em que lugar você acha que

Para muita gente não importa onde: é sempre possível se divertir, se distrair, brincar. Há quem diga que o mais importante é a companhia, não o lugar. Há quem ache que todo lugar pode ser prazeroso, descontraído, desde que você esteja à vontade e com bom-humor. NÓS DA ESCOLA resolveu descobrir se há algum lugar onde não é possível “exercer a ludicidade”. Confira as opiniões dos entrevistados.

Alexandra Mardine, pedagoga



– Hospital é o tipo de lugar em que é impossível ficar à vontade, se divertir. Geralmente a gente fica tenso, nervoso, porque está ali para visitar um parente ou um amigo doente. Ninguém vai a

hospital só por ir, como quem vai a shopping, para passar o tempo. É sempre por obrigação, por sinal, nada agradável.

Vilma Santos, operadora de caixa



– Não consigo me descontraír na casa da minha sogra. Não é divertido estar lá. Ela é muito chata. Me sinto péssima naquele lugar. Dificilmente apareço e quando chego fico contando as horas para ir embora. Ela até gosta de conversar, mas me aborrece.

Vinícius Lage, desenhista

– Não acho lúdico ou prazeroso ir a uma agência de empregos. As pessoas ficam nervosas, ansiosas, à espera de uma oportunidade. Como estão em busca de trabalho e precisam concorrer com muitas outras, não dá para descontraír. Estar desempregado deixa as pessoas tensas.



é impossível se divertir?



Helena Altes, psicóloga

– Não existe lugar em que você não possa se divertir, se descontrair. Depende de você. Tem gente que vai a enterro e consegue dar uma risadinha, pelo menos. Acho impossível um ser humano ficar com mau humor o tempo todo. A não ser que esteja muito mal de cabeça. E aí a solução é o divã.



Cristina da Silva, vendedora

– Nunca me divirto num supermercado. É muito chato, tem sempre uma fila enorme. Se bobear, a gente passa uma tarde inteira tentando fazer compras. Além disso, tudo é caro e não dá para comprar quase nada. Não gosto de ficar muito tempo em lugar cheio, acabo perdendo a paciência.



Márcio Jesus da Silva, balconista

– Acho impossível diversão em velório. Ir a cemitério é péssimo. Nunca consigo ficar bem em um ambiente assim, mesmo que seja o enterro de uma pessoa com quem eu tenha pouco contato. Não dá para achar graça de coisa nenhuma.



Carmem de Souza, artesã



– Não consigo ficar à vontade no Rio de Janeiro. Tudo por causa da violência. Vivo sempre tensa, assustada. Na maioria das vezes saio de casa acompanhada pelo meu filho, porque me sinto mais segura. Há 20 anos eu saía tranqüila, não ficava com medo de ser assaltada, podia chegar em casa de madrugada.

Sorrir para esquecer a dor

Conquistar o sorriso de uma criança é a principal recompensa deles. Durante 11 meses no ano, em duas visitas semanais, os Doutores da Alegria percorrem os quartos de um mesmo hospital para alegrar a criançada nas enfermarias. Sem qualquer pretensão terapêutica, eles usam e abusam do que chamam de "besteirologia", para levar um pouco de fantasia aos pequenos pacientes. No Rio, oito palhaços se revezam nos hospitais Jesus e Pedro Ernesto, em Vila Isabel, e no Instituto Martagão Gesteira, na Ilha do Fundão. Em 2007, pretendem levar seu trabalho a mais duas unidades de saúde na cidade. Com 15 anos de experiência, inspirada no trabalho do Big Apple Circus Clown Care Unit – um grupo de artistas especialmente treinado para levar alento a crianças internadas em hospitais da cidade de Nova York –, os Doutores da Alegria ultrapassaram as próprias fronteiras e promovem espetáculos abertos ao público para contar um pouco da sua história. A partir de 17 de outubro, eles encenarão a peça *Inventário – aquilo que seria esquecido se a gente não contasse*, no Teatro Nelson Rodrigues (*veja endereço no Saiba Mais*). Além disso, mantêm um Núcleo de Formação e Pesquisa, que promove estudos sobre o impacto da atuação deles na recuperação das crianças enfermas e na relação com os profissionais de saúde. "Queremos fomentar cada vez mais o que os Doutores podem criar", conta animadamente Sávio Moll, coordenador artístico do grupo, que nos concedeu a entrevista a seguir. Para ele, as frentes desse trabalho, hoje existentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, se complementam e enriquecem a atuação de cada um deles, respeitando as especificidades dos estados em que estão presentes.

Como você chegou até o Doutores da Alegria?

O Doutores nasceu em 1991, em São Paulo. Em 1996, conheci aqui no Rio um grupo administrado pela atriz Cláudia Gomes, chamado Doutores Palhaços. Eles desenvolviam uma atividade semelhante à nossa agora, introduzida aqui por uma instituição suíça, a Fundação Theodora. Passei a fazer parte desse grupo, porque na época eu freqüentava escola de circo e conheci algumas pessoas envolvidas no projeto. Ao longo do tempo, surgiu um namoro da Cláudia com o Doutores da Alegria. Ela foi apresentada ao Wellington Nogueira, fundador do grupo, que se interessou pelo nosso trabalho. Na época, ele já estava pensando em expandir a sua atividade para o Rio. Então, em 1998, os dois grupos se juntaram e foi benéfico para todo mundo. Nós passamos a ter uma visão mais clara do trabalho que estávamos desenvolvendo, com outra carga ho-

rária, uma estrutura diferente, e com um desenvolvimento artístico melhor. Desde que o grupo iniciou suas atividades no Rio, eu faço parte, assim como as atrizes Dani Barros e Flávia Reis.

O Doutores da Alegria trabalha essencialmente com crianças em estado de saúde grave ou basta que elas estejam internadas para receber a visita de vocês?

Basta estarem internadas. Aliás, as pessoas fazem muita confusão. Acham que o Doutores é um grupo de voluntários que atende a crianças com câncer, quando na verdade não é nem uma coisa nem outra. Apesar de não ter fins lucrativos, o grupo investe em atores profissionais, remunerados pelo trabalho que fazem. Nossa causa é a da criança hospitalizada. Se ela estiver com uma gripe forte ou for um caso oncológico terminal, nós estamos lá.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

E DIVULGAÇÃO



De onde vêm os recursos do Doutores?

Não é o hospital que paga o ator, mas a instituição [a ONG Doutores da Alegria], que capta recursos na sociedade, em empresas, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet. Hoje todos os hospitais em que atuamos são públicos, com exceção do Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo, que foi onde nós começamos. Houve até um momento em que íamos encerrar o trabalho por lá e ir para um hospital público, mas a direção do hospital pediu que a gente permanesse e bancou o nosso trabalho no hospital público. Ou seja, foi bem interessante.

O grupo atua com pacientes de que faixa de idade?

O Estatuto da Criança e do Adolescente incluía quem tinha de zero a 17 anos e 11 meses, mas ampliou [a faixa de idade] para até 21 anos. Então, se o hospital estiver com um paciente de 19 anos, a gente atende. Às vezes, adotamos adultos também. Passamos no corredor, brincamos, e depois fazemos uma visitinha rápida. A abordagem é diferente. Com os adolescentes, sempre que perguntam se somos palhaços, negamos, dizemos

que somos médicos. Essa seriedade cria uma dicotomia, que torna a situação engraçada. Se não for assim, os adolescentes ficam com aquele ar de “não sou mais criança”. Com eles têm funcionado muito essas coisas de bater cabeça na parede, tropeçar, esbarrar na porta, um palhaço se assustar com o outro...

A formação do Doutores da Alegria é essencialmente em artes cênicas e técnicas circenses. Esse trabalho pode complementar o de psicólogos e de fonoaudiólogos? De que forma pode ajudar na terapia?

Bom, também trabalhamos a linguagem do palhaço. Nós sempre tivemos um cuidado muito grande quando entra a palavra terapia. Porque, ao contrário do que muita gente pensa, não somos como o Patch Adams¹. A diferença central é que o Patch é médico, acredita nesses recursos lúdicos, humorísticos, como forma de tratamento e de pesquisa. Eu o admiro muito. Não somos médicos e não temos intenção de cura. Não temos pretensão terapêutica, mas artística. Queremos levar a arte até a criança hospitalizada. ►



O grupo reúne 47 artistas, divididos entre Rio, São Paulo e Recife

De qualquer forma, isso modifica o ambiente hospitalar e também a criança...

É, a gente vê que [a nossa atuação] gera um impacto grande, uma transformação na criança. Então, estamos desenvolvendo este canal de interseção, de multidisciplinaridade das artes cênicas junto à saúde, ao ambiente hospitalar. A Morgana Masetti [psicóloga que coordena o Núcleo de Pesquisa e Formação da ONG] já tem algumas publicações sobre o olhar do palhaço no hospital com crianças [como *Soluções de palhaços – transformações na realidade hospitalar*] e com os profissionais de saúde [por exemplo, *Boas misturas – possibilidades de modificações de prática do profissional de saúde a partir do contato com Doutores da Alegria*]. Na verdade, [o trabalho do Doutores] complementa, provoca nos outros profissionais de saúde uma possibilidade a mais de comunicação e isso inova, mostra que existem outras formas de abordagem. A gente sabe da contribuição da alegria como fator gerador de um estado de transformação.

A alegria resgata a auto-estima, o otimismo das pessoas internadas...

Acho que potencializa. Não sei se a criança pensa desta forma – talvez não. Mas, na verdade, o que vejo é que a alegria potencializa um estado saudável na criança. Muitas vezes, ela está recolhida, perdendo o controle do próprio corpo, do ambiente. E quando resgata essa possibilidade potencial de fantasia, de não ter limites, seus olhos brilham.

Vocês levam aos hospitais números teatrais já ensaiados?

Não, não fazemos teatrinho fechado, animação de ambiente. A gente promove uma interação com a criança. Primeiro pedimos a permissão dela para entrar. Percebemos no seu olhar o que está sentindo, se está com medo, se quer que a gente chegue rápido e, nessa hora, a partir da criança, criamos uma rotina com início, meio e fim. Para cada uma delas é uma apresentação. Eu posso utilizar um mesmo recurso, como uma mágica que sei fazer, mas não vai ser na mesma ordem. Isso coloca a criança em um lugar ativo, potencializa a sua capacidade de interagir, de inclusive falar: "Palhaço vai embora!".

Quando a criança fica resistente, vocês vão mesmo embora ou tentam quebrar o gelo?

A gente trabalha em dupla e sempre um apronta uma bobagem e o outro tenta segurar. Às vezes, a criança entra na função dramaturgica do palhaço e fala "Agora você espera aí..." ou "Agora você fica quieto!". E, às vezes, manda nos dois. E manda o palhaço levantar, abaixar... A gente brinca com isso. Sempre pede para entrar no quarto e, a partir daí, ela pode dizer que não. Então a gente respeita. Mais importante do que arrancar uma risada num primeiro encontro, é a consciência de que só vamos conseguir isso se estabelecermos uma relação de confiança. E essa comunicação vai gerar alegria, risada. Assim, quando [a criança] não nos deixa entrar, explicamos que vamos voltar depois. Às vezes a gente deixa cair um chapéu dentro do quarto e pede para buscá-lo. Daí, só em pegar o chapéu, já começa uma relação que quebra o gelo. Então, nesse dia, o trabalho já está feito. Em outras ocasiões, começamos de outro ponto.

¹ Patch Adams é um médico norte-americano famoso por sua metodologia inusitada no tratamento dos enfermos. Misturando medicina com a técnica de atuação de palhaço, acredita que a alegria pode tratar muitas doenças. Em 1980, ele criou o Institut Gesundheit, em West Virginia, no qual prestava assistência sem qualquer tipo de contrapartida financeira. Adams é autor dos livros *House calls: how we can heal the world a visit at time* e *Gesundheit – good health is a laughter matter*. Este último serviu como inspiração para o filme *Patch Adams – o amor é contagioso*, com o ator Robin Williams.

Vocês levam o lúdico a todo lugar, mesmo a ambientes mais frios e tristes?

Acho que sim. Tudo depende do prisma do olhar. Há um poema de Baudelaire², que diz que o bom bobo da corte dançaria em torno da sua tumba. O que, de certa forma, corrobora o olhar de Nietzsche³ sobre o mundo. Num mundo sem esperança, onde tudo é muito ruim, a arte vem para salvar e trazer a possibilidade de reinvenção da vida. A gente está falando, na verdade, que, por mais que o ambiente seja péssimo, a gente está se dirigindo a pessoas. E temos a possibilidade de instigá-las.

Por mais que alguém esteja em uma situação difícil, é possível resgatar esse estágio de alegria?

Acho que as pessoas são permeáveis. É possível ter a leitura do lúdico. Há pessoas que estão muito duras, mas tenho certeza de que um assassino da pior espécie, em algum momento, ri e tem contato com o lado humano dele.

Por que o lúdico é tão importante para a vida de uma criança hospitalizada?

A criança normalmente vive em um mundo lúdico. Mas quando estamos em uma situação de perda de saúde, nosso espírito vai decaindo junto com o corpo, tendemos a ficar deprimidos. A criança costuma diminuir o seu potencial lúdico nos momentos de crise. O médico tenta recuperar o que não funciona e a gente, o que funciona, estimular o que funciona.

Já houve algum caso em que o trabalho de vocês serviu para complementar o do médico?

Já. Eu tive um caso, do qual tenho falado algumas vezes. Foi uma das experiências mais fortes que vivi como Doutor da Alegria. Uma menina estava com um prognóstico ruim, segundo a enfermagem. Ficava sempre deitada, fraquinha, e a mãe do lado, muito angustiada. Era a nossa terceira semana com ela e eu já não sabia mais como interagir. Na hora da visita, eu pensava no que fazer e lembrei que trazia no bolso um pintinho de pelúcia, que tinha um mecanismo que o fazia piar. Então eu disse a ela que tinha algo escondido, que só ela podia ver. Nesse dia, eu estava com outros dois Doutores e eles também co-

² Charles Baudelaire (1821-67), poeta francês, influenciou a poesia simbolista.

³ Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão existencialista. Nietzsche combateu a metafísica, retirando do mundo supra-sensível todo e qualquer valor eficiente, e entendeu as idéias não mais como verdades ou falsidades, mas como sinais. A única existência, para Nietzsche, é a aparência e seu reverso não é mais o ser; o homem está destinado à multiplicidade.

meçaram a fazer a *mise-en-scène* de que não podíamos falar para ninguém. Então, peguei o pintinho e perguntei se ele podia chegar perto dela, e ela, bem devagarinho, fez que sim com a cabeça. Ai fingi que o pinto tinha falado para mim que queria dar um beijo nela. E a menina concordou. Então acionei o mecanismo dele para piar e ela riu. Na semana seguinte, voltamos e o mote das visitas passou a ser sempre o pintinho escondido. Duas semanas depois, a menina estava recebendo alta. Não acho que isso a curou, mas antes estava muito fraca, a pele quebradiça, não podia rir, porque se feria. Isso alimentou nela a fantasia, um mundo lúdico. A partir disso, pôde se ajudar. Quando ela voltou para o atendimento laboratorial, a mãe me disse que estava procurando o tal pintinho para comprar.

Esse tipo de trabalho funciona também com adultos?

A gente só trabalha com crianças. Alguns palhaços em São Paulo tiveram a oportunidade de atuar em hospitais que têm tanto adulto quanto criança, e tiveram um pequeno contato. Então, sempre que passavam, faziam uma visitinha rápida a um adulto. Bom, eu acho que funciona sim. Deve ser um pouco mais difícil, porque o adulto deve ter uma capacidade maior de se deprimir com a doença, nem sei se aceitaria a entrada de um palhaço [no quarto ou enfermagem].

A criança talvez tenha uma capacidade maior de sonhar...

Eu acho. E talvez o idoso também chegue neste ciclo, de ter o espírito mais solto.

Na coordenação do grupo, como você desenvolve o trabalho com os outros atores?

A minha função, que eu fui aprendendo no fazer, era andarmos com as próprias pernas em ►

todos os sentidos; era estarmos nutridos artisticamente, nutridos com parceiros e patrocinadores. É uma parte administrativa, de resposta de e-mails e de telefonemas de pessoas que querem entender melhor o trabalho ou participar dele. Queremos fomentar cada vez mais o que o Doutores pode criar.

De que outras formas o Doutores atua?

No treinamento que realizamos às sextas-feiras para trabalhar música e corpo, acabamos criando um espetáculo com os próprios atores do Rio, com esquetes que surgem no hospital. Então isso passa a ser um ponto de prospecção do Doutores também. Este ano, em outubro, vamos encenar a peça *Inventário – aquilo que seria esquecido se a gente não contasse*. É uma reflexão sobre o trabalho que a gente já vivenciou. Começamos a trabalhar com quatro olhares: o do palhaço no hospital, o do paciente, o do médico e o do "eu mesmo" – a figura que está por trás do artista, que tem seus depoimentos, que teve a sua trajetória dentro do hospital com pai, mãe, avó. O espetáculo estará aberto ao público a partir de 17 de outubro, às terças e quartas-feiras, no Teatro Nelson Rodrigues.

A idéia surgiu nos Estados Unidos, a partir do Clown Care Unit...

O Wellington [Nogueira] participou durante três anos do grupo norte-americano e voltou para o Brasil para fundar o Doutores da Alegria. O Michael Christensen [fundador do grupo norte-americano] disse que [ambos] poderiam ser programas irmãos, mas não matriz e filial, porque não tinham condições de nos manter. Surgiram também o Le Rire Médecin, na França e o Die Clown Doktoren na Alemanha, com pessoas que também estiveram no Clown Care (*veja endereços no Saiba Mais*).

O que há de diferente no programa do Brasil?

A cultura, com certeza, altera a forma final. Isso a gente pode ver dentro do próprio Doutores. Há essa filosofia de trazer para o Rio e sistematizar o conhecimento que já existe. Nós levamos a essência. As músicas que usamos aqui tendem mais para o samba. No Recife também, mas a abordagem tem a ver com a cultura local. Lá, no carnaval, eles criaram o Bloco do Miolo

Mole, que é o nariz que tiramos das crianças nas cirurgias besterológicas que realizamos. São coisas que vão agregando cultura ao próprio Doutores. O programa do grupo tem uma característica que é só dele: investir no conhecimento desenvolvido pelo Núcleo de Formação e Pesquisa, coordenado pela Morgana [Masetti]. Ela foi vendo o trabalho que a gente realiza, que impacto gera no profissional de saúde, produziu publicações, e hoje tudo isso misturado é como uma grande bola: um alimenta o outro. Disseminamos o conhecimento. O documentário⁴ e o espetáculo ajudam a deslocar o trabalho, levá-lo além das fronteiras do hospital.

Como funciona o Núcleo de Formação e Pesquisa?

A mola central é o palhaço trabalhando no hospital com as crianças. O centro de estudos surgiu e passou a acompanhar esse trabalho durante algum tempo e produziu publicações. Foram feitas dinâmicas com as crianças antes e depois da visita do Doutores. Percebeu-se também que havia um impacto no profissional de saúde e isso foi abordado na tese que a Morgana elaborou e que gerou mais uma publicação. O trabalho culminou em um *workshop* para profissionais de saúde. Não significa que vamos transformá-los em palhaços, mas é uma forma de emprestar um pouco desse olhar e fazer a interseção acontecer.

É uma forma de ter uma comunicação mais eficaz com o paciente?

Sim e gera uma reflexão do profissional com ele próprio, que tem a ver com a forma de abordar a criança. O objetivo é ampliar as reflexões. O dia-a-dia do trabalho vai endurecendo a pessoa e isso pode acontecer em qualquer profissão. Hoje quem entra no Doutores tem a percepção de um monte de coisas que já começou a ser pensado, sistematizado. ■

⁴ O grupo já produziu o documentário *Doutores da Alegria – o filme*. Além disso já realizou espetáculos teatrais como *Poemas esparadrápicos – o musical, Vamos brincar de médico?, Midnight clowns, Congresso de Besteirologia*. No Rio, estréia a peça *Inventário – aquilo que seria esquecido se a gente não contasse* e, em Recife, até o fim do ano será lançado *Dramalhaço*.

SAIBA MAIS

- Teatro Nelson Rodrigues – Conjunto Caixa Cultural – Av. República do Chile, 230, Anexo – Centro, Rio de Janeiro. Informações: (21) 2262-8152.
- Para acessar as páginas do Doutores da Alegria, basta digitar o endereço www.doutoresdaalegria.org.br. Nos Estados Unidos, o site oficial do programa irmão é www.bigapplecircus.org/CommunityPrograms/ClownCare/. Na França, www.leriremedecin.asso.fr e na Alemanha, www.clown-doktoren.de

Pelo prazer de participar

Cerca de 20 mil voluntários trabalharão nos bastidores para garantir o sucesso dos Jogos de 2007

Se depender da disposição dos cariocas e dos brasileiros, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 serão um sucesso absoluto. Já passa de 50 mil o número de inscritos para trabalhar como voluntários no Pan, que vai de 13 a 29 de julho do próximo ano, e no Parapan, de 12 a 18 de agosto. Para trabalhar como voluntário, basta acessar o site do Rio 2007 (www.rio2007.org.br) e preencher o formulário que está na seção Voluntários. A organização dos Jogos aproveitará até 15 mil inscritos para o Pan e 5 mil para o Parapan. A seleção deverá ser feita em outubro.

Na inscrição os interessados preenchem ficha cadastral, com dados pessoais e de qualificação, que orientará a seleção a ser feita pelo Comitê Organizador do Rio 2007 (Co-Rio). Este banco de dados em construção já está sendo utilizado para a seleção de voluntários para as competições do Calendário de Eventos Preparatórios.

Na opinião da gerente de Voluntariado do Co-Rio, Paula Hernandez, o interesse pelo trabalho voluntário mostra que a população apóia a organização do evento esportivo no Rio e no Brasil. "O número expressivo de candidatos a voluntário, sem que tenhamos lançado formalmente esse programa, demonstra que a população está totalmente envolvida com o Rio 2007. A procura foi espontânea e a divulgação, de boca a boca. As pessoas têm uma vontade muito grande de participar", afirma. Ela acrescenta que trabalhar como voluntário é uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos.

Mercado de trabalho – Uma das preocupações do Co-Rio é qualificar e reposicionar os voluntários após a sua participação nos Jogos Pan-Americanos. Com o treinamento que receberão, terão seus conhecimentos aprimorados e estarão mais bem preparados para o mercado. O Programa de Voluntariado do Rio 2007 selecionará candidatos com o perfil exato de cada área de atuação. A proximidade dos locais de moradia com as instalações também será levada em consideração.



Ao todo serão preenchidas vagas em mais de 500 funções, distribuídas em 57 áreas funcionais, como marketing, finanças, logística, credenciamento, recursos humanos, *doping* e serviço aos espectadores, entre outras. Os dois momentos de maior participação dos voluntários serão a abertura e o encerramento, cerimônias reservadas ao Estádio do Maracanã, onde também serão realizadas a largada e a chegada da maratona e disputados os principais jogos de futebol da competição.

A referência para o aproveitamento dos voluntários são os Jogos da Comunidade Britânica, de 2002, sediados pela cidade de Manchester, na Inglaterra. O programa social em Manchester trabalhou com 10,5 mil voluntários, dos quais 2 mil continuam até hoje participando de outros eventos da Europa. Segundo cálculos da organização do Manchester 2002, 25% dos voluntários eram jovens e moravam em comunidades carentes.

De acordo com Paula, os voluntários são a alma dos Jogos Pan-Americanos. "Sem eles não seríamos capazes de realizar a competição. Eles dão charme ao evento e fazem um trabalho muito legal. São pessoas especiais que doam o seu tempo para que tenhamos o melhor Pan possível", conclui. ■

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Rio de Janeiro, cidade de bamba

Efervescência cultural na Lapa e arredores evidencia redescoberta do samba pelos jovens cariocas

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Na adolescência, Teresa só queria saber de música estrangeira. Foi só prestar um pouquinho de atenção ao samba, no entanto, para descobrir que sua praia era outra. Carioca, ela vivia cercada pelo ritmo – que pode até ter nascido na Bahia, mas cresceu e se reinventou no Rio de Janeiro. Apesar disso, o “encontro” só aconteceu em 1996. Hoje, 10 anos depois, Teresa vive do samba. E é um belo retrato de um fenômeno que vem tomando conta da cidade. Teresa é Teresa Cristina, espécie de musa da nova geração do samba, cantora que deu as caras na Lapa e conquista seu espaço no cenário musical brasileiro. A movimentação no tradicional bairro boêmio, por sua vez, prova que, assim como Teresa, outros jovens também descobriram o samba. E, se não fizeram dele seu meio de vida, pelo menos costumam passar boas e animadas horas em sua companhia.

A Lapa viveu a sua fase áurea nas décadas de 1930 e 40, quando era o reduto absoluto da boemia carioca. Nos anos 1960 passou por um período de abandono, que se estendeu por longos anos. A juventude redescobriu o bairro a partir da década de 1980, com a chegada do Circo Voador. Mas foram as rodas de samba que devolveram à Lapa seu espaço no cenário cultural da cidade.

Elas chegaram de mansinho, improvisadas, e, aos poucos, tomaram conta do pedaço. O que antes era um simples encontro de amantes do samba já se transformou em show, com casas cada vez mais equipadas, opções diversas, engarrafamentos noturnos e disputas por vagas nas ruas. O clima, no entanto, continua o mais informal possível. Tanto que a região é famosa pelo número de “canjas” presenciadas por seus frequentadores. Tem sempre algum sambista ilustre que aparece e resolve cantar junto com o “dono” do show. E todo mundo, é claro, adora.

Teresa Cristina é uma que está sempre cantando na Lapa, em shows seus ou dos outros. Sua relação com o samba é fruto desta mistura que põe na mesma roda velhos bambas e jovens amantes do ritmo. Foi no Quintal da Tia Surica, em Madureira, que ela começou a se apaixonar pelo samba, entoando clássicos em uníssono com grandes sambistas da Velha Guarda da Portela. “Estes encontros são muito importantes, porque são coisas assim que norteiam o nosso interesse. Nessa época, me chamava mais atenção o talento dessa gente toda do que o que eu ia fazer com o meu trabalho. Quando comecei a compor, a observação foi muito importante, ver como essas pessoas lidam com o mercado musical, ver que estão muito além disso tudo”, constata, lembrando que, para a nova geração, é a Lapa que desempenha este papel de ponto de encontro.

Fruto da mesma onda de reencontro com as origens do samba, o bloco Escravos da Mauá também movimentou os arredores da Praça Mauá com suas rodas de samba mensais, que desde 1998 estenderam para o ano todo a animação do grupo, antes restrita ao carnaval. O bloco é um dos muitos que vêm retomando a tradição do carnaval de rua no Rio de Janeiro, arrastando multidões cada vez maiores no período de Momo. Com as rodas de samba, a repercussão é tão grande que os integrantes divulgam apenas entre os “fiéis seguidores” as datas dos eventos, pedindo



O Comuna do Semente reúne amantes do samba e do choro em vários shows semanais



A cantora Teresa Cristina é um dos grandes destaques da nova geração de sambistas e está sempre circulando pela Lapa, em shows próprios ou “canjas”

aos destinatários de seus *e-mails* que não os repassem adiante. “A quantidade de pessoas começou a nos assustar, porque não temos infra-estrutura para receber uma multidão. Não temos patrocínio, é um encontro bancado coletivamente, por 60 ou 70 amigos que contribuem com R\$ 10 e uma produtora que nos empresta banheiros químicos”, explica Eliane Costa, que toca cavaquinho no grupo.

Como o restante dos integrantes, Eliane não vive de música. Ela é funcionária da Petrobras, mas não perde por nada os encontros do grupo, sempre ao ar livre e sempre gratuitos. Apesar da multidão que ultimamente aparece, o clima é descontraído, no melhor estilo “entre amigos”. E isso inclui as “canjas” de famosos como Tia Surica, Moacyr Luz e Aldir Blanc. Mas a naturalidade dos encontros é apenas aparente. Eliane explica que as “canjas” são agendadas. “Como não somos músicos profissionais,

vai que um dia chega um Paulinho da Viola aqui e a gente tem de ficar catando cavaço para acompanhar? Não dá, né? Tem que ser combinado”, diverte-se Eliane.

Na cadência do samba – Como no caso de Eliane e dos demais integrantes do Escravos da Mauá, o cenário atual do samba na Lapa é cheio de gente que foi conquistada pelo ritmo, mesmo quando as opções profissionais apontavam para áreas completamente distintas. Um belo exemplo é a economista Aline Brufato, que desde 2004 administra o Comuna do Semente, na Rua Joaquim Silva, além de organizar a noite *Semente da música brasileira*, toda sexta-feira no Clube dos Democráticos, na Rua do Riachuelo. Aline bem que gostaria, mas não toca nenhum instrumento. E nem canta. “Eu admirava a nova geração que está compondo na MPB, principalmente choro e samba, e tinha desejo ▶

SAIBA MAIS

Em *NÓS DA ESCOLA* n. 33, a seção *Carioca* traz uma matéria sobre a Cidade do Samba, que reúne, na Gamboa, as oficinas de alegorias, fantasias e adereços das escolas de samba do Grupo Especial.

de trabalhar com a cultura. Além disso, era fã do antigo Semente, sentia falta de um lugar de encontro, de referência”, explica Aline.

O “antigo Semente” foi um dos protagonistas do início do movimento de revitalização da Lapa e do samba, mas fechou em 2003. Assim, como quem não quer nada, Aline e o violonista Luis Felipe de Lima começaram a tentar reanimar o lugar, promovendo encontros em que os sambistas tocavam de graça, por um período de experiência de três meses. A experiência deu tão certo que o Comuna do Semente já tem dois anos em funcionamento, com shows de samba e chorinho e muitos frequentadores “bambas”. “Eu estava conversando com o [violonista] Yamandu Costa sobre uma coisa meio intangível que acontece aqui: é um lugar que os músicos frequentam. E ele disse que isso é essencial para eles: poder encontrar outros músicos, criar novas parcerias, trazer músicos estrangeiros que estão na cidade. O Comuna dá esta liberdade”, destaca Aline.

Esta é, de fato, a grande marca da Lapa e provavelmente a responsável pela efervescência que vem tomando conta da região nos últimos anos. Lá se esbarram velhos e novos sambistas, músicos profissionais e amadores, cercados por um clima e um ritmo que propiciam os encontros vocais e instrumentais. “A Lapa é um distrito cultural, um caldeirão que vem concentrando isso há um tempo. A nova geração do samba e do choro está toda ali. Por um lado, há muita gente formada em música, com mestrado, gente que busca formação técnica. E, ao mesmo tempo, há o resgate de nomes tradicionais”, tenta explicar Aline.

Encontro musical – É justamente esta mistura do moderno e do tradicional que vem proporcionando um grande resgate do samba junto à juventude – não só a que faz música, mas também a que simplesmente curte música. Graças à efervescência do bairro em torno do ritmo, hoje já é moda no Rio de Janeiro dizer que se gosta de samba. E isso, em se tratando de adolescentes, faz toda a diferença na receptividade ao que eles consideram “novo”. O “novo”, neste caso, nem é tão novo assim, mas a novidade é boa. Significa uma revalorização das raízes

brasileiras, da nossa música e da nossa história. E, é claro, mais possibilidade de escolha. “A mídia pesada cerca o caminho do jovem com um só tipo de música. Acho legal que este jovem queira ouvir o Zeca Pagodinho, saiba quem foi o Cartola, conheça a Velha Guarda da Portela. Ele tem que ter também a opção do samba, e não só as opções do *rap* e do *funk*, que são ritmos que tradicionalmente o jovem já curte”, opina Teresa Cristina.

A onda da redescoberta chegou até à Estudantina. A tradicional gafeira, que existe há 74 anos na praça Tiradentes, passou por uma reforma completa, incluindo programação e estrutura de som e iluminação. Quem está à frente da renovação é Rodrigo Quik, o diretor artístico da agora batizada Nova Estudantina. “A Lapa empunhou a bandeira da cultura carioca, brasileira. Se as pessoas consomem música internacional, é porque a grande mídia só apresenta isso”, argumenta Rodrigo, que está animado com a mistura do público que tem frequentado a nova casa. “Antes, dança de salão era só gafeira. Hoje tem samba de raiz, pé de serra, rock, chorinho. Tudo isso tem atraído um público jovem”, conta.

No Escravos da Mauá, Eliane Costa também tem se surpreendido com a renovação do público. “Nosso público sempre foi na faixa dos 40, 50 anos. De uns quatro anos para cá, vem muita garotada. E a gente percebe que eles vêm pelo samba mesmo, não só pelo agito”, comenta. Nos mais de 100 endereços da Lapa e arredores dedicados ao entretenimento, os jovens estão numericamente em pé de igualdade com o público mais maduro. A atuação de músicos como Teresa Cristina vem fazendo com que eles redescubram antigas pérolas da música brasileira. E quem, como ela, tem no samba sua paixão, torce para que a moda tenha vindo para ficar. “Hoje, acho que meu encontro com o samba tinha que acontecer. Redescobri o Candeia, conheci a Velha Guarda da Portela e fui mandada embora do Detran na mesma época. Tudo isso me levou para o samba. Com a Lapa é a mesma coisa, uma área acessível e que tem tudo para ficar aí. Espero que contribua também para a revitalização do Centro da cidade, que tem lugares interessantes”, torce a cantora. ■

Experiência de integração

Chat entre alunos e professores de escolas da Rede promove gincana de perguntas e respostas

A MULTIRIO organizou o primeiro *chat* (sala de bate-papo) entre alunos de escolas da rede municipal do Rio de Janeiro. A experiência aconteceu em agosto, na página eletrônica do Monitomania (www.multirio.rj.gov.br/portal/monitomania), uma parceria entre a própria MULTIRIO e a Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME). O *chat*, que promoveu uma gincana de perguntas e respostas e um debate sobre internet, contou com a participação de cerca de 40 alunos e professores da 4ª, 7ª e 9ª CREs. Os alunos da E. M. Leonel Azevedo, representantes da 4ª CRE, formaram a equipe Leonet. Pela 7ª CRE, a equipe Virtual Mania foi composta por estudantes da E. M. Marechal Canrobert Pereira da Costa e do Ciep Carlos Drummond de Andrade. Por fim, alunos da E. M. Venezuela e da E. M. Professor Gilberto Bento da Silva, da 9ª CRE, formaram a equipe Nona em Ação.

Segundo a professora Rosemary Bonifácio, da sala de leitura da E. M. Marechal Canrobert Pereira da Costa, essa foi a dinâmica mais animada do Monitomania. “Os alunos vibravam, colaboravam, criavam regras, distribuíam tarefas e se divertiam como se fosse uma brincadeira. A participação foi tão intensa que nenhum deles ficou frustrado por ter ficado em segundo lugar na gincana”, lembra.

Momento de troca – Para Rosângela Castilho, professora da sala de leitura da E. M. Leonel Azevedo, o *chat* poderia ser uma atividade regular. “É um trabalho que estimula a pesquisa, o uso do computador, a integração do grupo e o trabalho em equipe. Meus alunos já querem até conhecer os monitores das outras escolas. O *chat* poderia ser mensal ou bimestral”, sugere. Empolgada, Rosângela menciona a avaliação em que os alunos expressaram suas opiniões sobre a sessão de bate-papo. Além de considerarem a experiência “um dia inesquecível” enaltecem o espírito de equipe que pontuou a atividade.

As mensagens utilizadas no *chat* foram observadas pela professora Rosemary. “Houve uma conversa de verdade, sem a linguagem telegráfica

característica da comunicação virtual. Mostramos a eles que podemos conversar sobre assuntos que são de seu interesse, mas de outra maneira, porque estamos na escola. Quem sabe isso não possa causar uma mudança na maneira como eles agem fora da escola?”, especula. Esse foi apenas um dos benefícios enumerados pela professora. “Estamos intensificando a sociabilidade através de uma tecnologia nova e que para os alunos não é muito acessível. O Século XX1 está de parabéns por tocar um projeto que atende às expectativas dos alunos”, afirma Rosemary.

Escrita teclada – Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenadora do grupo de pesquisa Letramento, Interação e Conhecimento, Maria Thereza Freitas vem estudando o universo do que ela denomina uma “escrita teclada”. Ao propor a reflexão sobre a leitura e escrita de adolescentes em *sites*, *blogs*, *e-mails* e listas de discussão, ela constatou que os jovens estão se voltando cada vez mais à expressão literária. “Ainda de maneira rudimentar, mas sujeita ao aprimoramento natural determinado pela própria necessidade de expressão de cada um”, observa.

Os benefícios do Monitomania no desenvolvimento educacional ainda serão avaliados. Para Wânia Clemente, “há um ganho na formação do aluno. Mas como é um projeto experimental, professores pioneiros dessa experiência e nós, profissionais da MULTIRIO, ainda estamos investigando vários aspectos”, diz.

Essa foi apenas a primeira ação do Monitomania, que já tem seus próximos passos planejados. “O *chat* foi o marco de largada. As professoras que acompanharam os monitores propuseram um encontro para que todos se conheçam. Além disso, pretendemos promover um novo *chat* sobre um tema de interesse dos alunos, com um convidado especial que seria entrevistado por eles. Provavelmente, o tema será animação, mas isso ainda será definido”, adianta a coordenadora do Programa Século XX1. ■

TEXTO

IVAN KASAHARA, REPÓRTER
DO PROGRAMA SÉCULO XXI

Convivência e sociabilidade

Programa Creches Sempre Vida da Obra Social atende a mais de duas mil crianças na cidade



As atrizes Suely Franco e Dhu Moraes, colaboradoras da Obra Social, contam histórias para as crianças do programa

Salas amplas, bem ventiladas, instalações de manutenção fácil, funcionários e voluntárias sempre atenciosos com as crianças são a receita do sucesso do Programa Creches Sempre Vida, da Obra Social da Cidade, que apóia 22 unidades desse tipo pertencentes à Prefeitura do Rio. Todos os prédios onde as creches funcionam foram construídos através de parcerias com setores da sociedade e atendem a crianças de 12 meses de idade a quatro anos. Em algumas delas, a partir de três meses.

Desde a criação do Programa, em 2001, mais de duas mil crianças já foram atendidas. A coordenação das creches, o programa pedagógico e a equipe profissional ficam a cargo da Secretaria Municipal de Educação (SME). As unidades funcionam das 7h às 17h e oferecem café da manhã, almoço e lanche. O cardápio é rico em nutrientes e bem variado, obedecendo às exigências da Organização Mundial de Saúde (OMS). “Depois do almoço o soninho das crianças é sagrado”, observa Gilda Maria Lahmeyer, coordenadora do programa.

Brincadeiras, passeios e muita alegria fazem parte da rotina da garotada. Contação de histórias e dramatizações também estão na programação dedicada às crianças.

A equipe da Obra Social conta ainda com a colaboração de profissionais de áreas como odontologia, psicologia, pediatria, nutrição, mastologia e dermatologia, entre outras especialidades. São, aproximadamente, 20 profissionais dessas áreas que proferem palestras ricas em informação nas comunidades e desenvolvem atividades com pais e funcionários.

Espírito natalino – Além de programar comemorações para presentear as crianças em datas festivas como Páscoa, Festas Juninas e Dia da Criança, a Obra Social também distribui a todas as crianças uma sacola com brinquedo, roupa e calçado novos na época do Natal. Na verdade as unidades funcionam como locais de integração. Há sempre comemorações especiais reunindo familiares dos alunos, a comunidade e profissionais voluntários. Em todas as festas, o

TEXTO

MARIANGELES MAIA E EQUIPE
DA OBRA SOCIAL DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

FOTOS

DIVULGAÇÃO

tom é sempre de muita diversão e emoção, reconhece Ana Cristina Valente, uma das coordenadoras do Programa,

O trabalho conjunto entre as equipes das creches e dos profissionais colaboradores é responsável pelo bom desenvolvimento das crianças e pela satisfação dos pais. “Aqui trabalhamos com as crianças e para elas”, observa Gilda

Lahmeyer. O olhar atento das recreadoras é outro ponto importante no desenvolvimento emocional dos pequeninos. Na hora do banho, quando eventualmente um deles chora, são elas que dão colo, aconchego e de tudo fazem para ganhar um sorriso em troca. “Uma atenção dessas faz os momentos difíceis dessas crianças parecerem menores”, conclui a coordenadora. ■

SAIBA MAIS

Programa Creches
Sempre Vida
Informações: 2503-4591
ou 2503-4592.

Creches Sempre Vida no Rio

- **Creche Sempre Vida Tia Dora**
Rua Barão da Gamboa, 203 – Santo Cristo
- **Creche Sempre Vida Elza Rabelo de Andrade**
Rua Vitória de Mearim, s/n, Parque São Paulo – Cosmos
- **Creche-Escola Sempre Vida Chuveirinho**
Rua Ademar Barcelos, 30, Morro da Mineira – Cidade Nova
- **Creche Sempre Vida Antares**
Avenida Antares, s/n – Paciência
- **Creche Sempre Vida Professora Maria Eugênia Veloso**
Rua Gentil de Ouro, s/n – Inhoaíba – Campo Grande
- **Creche Sempre Vida Vale do Sol – Conjunto da Liberdade**
Estrada do Canal Guandu, 258 – Santa Cruz
- **Creche Sempre Vida Parque da Santa Cruz**
Rua Pedro Pereira da Silva, s/n – Santa Cruz
- **Creche Sempre Vida Ayrton Senna**
Estrada do Guandu, 258, Rua 18 – Conjunto Guandu 2 – Santa Cruz
- **Creche Sempre Vida Josué**
Rua Pintor Leandro Joaquim, 338 – Cidade de Deus
- **Creche-Escola Sempre Vida Nise da Silveira**
Rua Quintanilha, s/n, (próximo à Linha Amarela) – Freguesia
- **Creche-Escola Sempre Vida Parque da Conquista**
Rua Carlos Seidl, 950, fundos – Caju
- **Creche-Escola Sempre Vida Nação Mangueirense**
Rua Visconde de Niterói, 774 – Mangueira
- **Creche Sempre Vida Colônia dos Pescadores**
Rua Praça Barreira Grande, 35 – Pedra de Guaratiba
- **Creche Sempre Vida Terra da Paz**
Rua Para Sempre (próximo à Praça Novo Dia Raiou) – Novo Arraial – Paciência
- **Creche Sempre Vida Estrela do Alagado**
Rua Rafael Pereira, s/n, Comunidade Alagados – Sepetiba
- **Creche Sempre Vida Felipe Camarão**
Rua José Fernandes, s/n, fundos – Sepetiba
- **Creche Sempre Vida José Goulart**
R: Luiz Carlos Prestes, s/n – Anchieta
- **Creche Sempre Vida Loreto Cemasi**
Estrada do Caricó, 26
Hospital do Loreto – Galeão – Ilha do Governador
- **Creche Sempre Vida Santo Antônio de Pádua**
Rua Laurindo Rabelo, 537 – Estácio
- **Creche Sempre Vida Fazenda Coqueiros**
Rua Moura Guimarães, s/n, Morro do Céu – Senador Camará
- **Creche Sempre Vida Dique**
Rua Teles de Carvalho, s/n – Jardim América
- **Creche Sempre Vida Pavão-Pavãozinho**
Rua Pavãozinho, 2 – Copacabana

Educação 'versus' paradigmas do meio ambiente

Todos os anos, na Semana do Meio Ambiente, as escolas se mobilizam para preparar e exibir seus trabalhos sobre o tema. O que se observa é algo repetitivo. É proposto um assunto, são feitas maquetes, cartazes, danças, coreografia etc. e, na maioria das vezes, no final (ou até antes disso), tudo vira lixo, inclusive as idéias propostas.

Em meio às comemorações, com um olhar um pouco atento, podem-se ver professores e alunos agindo de forma diametralmente oposta ao preconizado no evento. As ações cotidianas estão impregnadas por paradigmas que nos fazem cair nessas armadilhas.

Nosso comportamento, geralmente, é o resultado de heranças socioculturais e influências diversas que recebemos no dia-a-dia. Nesse contexto, vemos consolidados padrões de conduta que contradizem nossos discursos e até princípios éticos exaustivamente debatidos. É o caso da professora (que não é fictícia) que desenvolve tese de mestrado em educação ambiental e fuma, além de jogar a ponta de cigarro no chão. Poderiam ser citados outros exemplos nessa mesma linha, mas a reflexão aqui tem a intenção de evidenciar comportamentos mais corriqueiros, que de tão comuns parecem inofensivos e coerentes.

O que é um ambiente limpo? O que é uma casa limpa? Convencionalmente, a casa limpa é aquela sem seres "invasores" (gelados, nojentos, feios etc.), que são combatidos com uma parafernália de produtos impostos pela mídia; não pode ter poeira e ainda tem de brilhar e ter um "delicioso perfume de limpeza". As roupas, além de limpas, devem ter o "branco total radiante", estar amaciadas, perfumadas... Estudos têm comprovado o alto grau de poluição dentro dos lares, devido às substâncias químicas que compõem os produtos de limpeza, e que vitimam principalmente crianças, desencadeando alergias e outros males.

O dicionário *Aurélio* define higiene como "a arte de conservar a saúde", limpeza, asseio. E, no entanto, estamos adoecendo nossos bebês com a poluição que, voluntariamente, introduzimos em nossas casas. E não é por falta de aviso, pois os rótulos alertam: evite contato com a pele, com mucosas, não inale etc.

Afinal, qual é o cheiro da limpeza? Este ano, em mais um evento pelo Dia Mundial do Meio Ambiente, o tema proposto para as escolas é Biodiversidade no Rio: a Escola Educa a Cidade. Todos se empenham em pesquisar e apresentar cartazes com animais ameaçados de extinção, árvores maravilhosas e frases de efeito. No entanto, vivemos rodeados por vários elementos que também fazem parte da biodiversidade: são plantinhas (mas preferimos tratá-las como mato) e pequenos animais que tentam estabelecer conosco uma relação harmoniosa, apesar de seu *habitat* natural ter sido destruído por nós. É como se aquela lagartixa estivesse propondo um acordo: "me deixa morando aqui atrás de seu guarda-roupa que eu como os mosquitos que tanto incomodam o seu sono". E qual é a nossa reação com a visão do singelo animal? É melhor nem comentar.

Qual é a justificativa para se ter medo de lagartixas e pererecas? E por que considerar a presença de aranhas nos cantos das paredes como sinônimo de sujeira? Por que anos de estudo sobre a importância dos animais, do respeito que devemos ter por eles etc., nem sempre dão conta de desconstruir certos mitos e preconceitos?

Estamos aprendendo a valorizar espaços específicos para a conservação de espécies, mas esquecemos que todos os seres fazem parte de um contexto único e maior, que é o planeta. Nessa perspectiva, todos os espaços, construídos ou não, devem se configurar em áreas onde sejam preservadas as inter-relações positivas entre as diversas formas de vida.

É papel da educação – e não especificamente da educação adjetivada de ambiental – identificar nos aspectos sociais e culturais certas sutilezas para conjugar conhecimento científico e o cotidiano, promovendo discussões éticas sobre valores, com vistas ao rompimento com alguns modelos e a elaboração de outros. Muito há para educar e educar-se, sob pena de adotarmos um discurso vazio. Francisco Gutiérrez nos ensina que "educar-se é impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana". E para isso é preciso muito exercício de reflexão em que pese repensar nossos hábitos, mesmo os mais banais, pois é nesses que se escondem as ciladas paradigmáticas. ■



Elizabete Cristina Ribeiro Silva
professora de Ciências da E. M. Presidente Antônio Carlos (9ª CRE), especialista em ciências ambientais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Na pauta, o 'Era uma vez...'

Segunda edição do Encontro Internacional Rio Mídia debaterá as diferentes maneiras de narrar

Antes da invenção do primeiro sistema de escrita, o ser humano já contava suas histórias. Ao lado da linguagem oral, esculpir figuras e símbolos em pedra, madeira e argila foi, por milênios, uma das principais formas de expressão. Com o surgimento da escrita e do papel, as narrativas adquiriram perenidade e alcançaram um maior público. Ao longo dos séculos, novas descobertas acrescentaram outros recursos à maneira de contar as histórias. Com o cinema, o rádio, a TV, a internet e os celulares, as narrativas ganharam sons, imagens, cores, movimentos e interatividade. E com o acesso da população aos meios de produção, foi possível construir e reconstruir o *Era uma vez* em diferentes suportes e linguagens.

Na sociedade contemporânea, o processo de contar histórias vem se tornando mais simples e democrático, mas ao mesmo tempo complexo, pois pressupõe responsabilidade e compromissos éticos. As narrativas produzidas entretêm, informam e ao mesmo tempo propagam idéias, valores e concepções de vida, influenciando o processo de constituição de identidades.

Estas e outras questões serão debatidas durante o 2º Encontro Internacional Rio Mídia. Com o tema Narrativas e a Mídia para Crianças e Adolescentes, o evento acontecerá entre os dias 18 e 20 de outubro, das 9h às 16h30, no Planetário da Gávea, Zona Sul da cidade (Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100). Promovido pela Prefeitura do Rio, por meio da MULTIRIO e do Rio Mídia (Centro Internacional de Referência em Mídias para Crianças e Adolescentes), o evento é voltado a pesquisadores, educadores, estudantes e profissionais de mídia.

O formato do encontro prevê mesas-redondas e palestras ministradas por profissionais que proporcionarão ao público a oportunidade de conhecer detalhes sobre seu trabalho e o tema a ser discutido.

Programação – O primeiro dia do encontro será dedicado à relação entre narrativas e diferentes linguagens. A professora Ana Luiza Smolka, do Departamento de Educação da Universidade

Estadual de Campinas (Unicamp), ministrará palestra cujo tema é Narrativas de Crianças e Adolescentes e a Mídia. Na parte da tarde, falarão Daniel Munduruku, do Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual, Sonia Rodrigues, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e Jorge Furtado, cineasta da Casa de Cinema.

A discussão do segundo dia versará sobre a criação e a produção de narrativas no contexto digital. O assunto será o tema da palestra de Valentí Gómez i Oliver, presidente do Observatório Europeu de Televisão Infantil. À tarde, John Dale, pesquisador e diretor do projeto Eurokidnet, Bruno Feijó, coordenador do Laboratório de CAD e Jogos Inteligentes da PUC-Rio e Bernardo Brant, diretor da ONG Oficina de Imagens, participarão de uma mesa-redonda cujo tema é Cultura Digital: Autoria e Interação.

O debate do último dia terá como foco os direitos das crianças e dos adolescentes. Em pauta, o papel dos reguladores, dos produtores e da sociedade na defesa do acesso à comunicação e à informação de qualidade. Anna Home, ex-diretora de programação infantil da BBC (British Broadcasting Company), apresentará um panorama da produção e da programação infantil da emissora britânica. Encerrando o evento, a presidente da MULTIRIO, professora Regina de Assis, coordenará a mesa-redonda Alianças pela Qualidade da Mídia, que reunirá representantes do Unicef, da Unesco, da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) e do Coletivo Intervenções.

A participação no encontro é gratuita. Os interessados devem enviar *e-mail* para multirio_riomidia@pcrj.rj.gov.br com nome completo, idade, instituição na qual trabalha ou estuda, cargo que exerce e os dias em que deseja participar. Uma mensagem eletrônica confirmará a inscrição. Cerca de 40 vagas são destinadas aos professores da rede de escolas da Prefeitura do Rio. Os profissionais serão indicados pelas coordenadorias regionais de educação (CREs). ■

TEXTO

MARCOS TAVARES

Valorização de conhecimentos

No trabalho pedagógico é preciso conhecer cada criança e os contextos em que ela está inserida



Desde pequena, Renata vivia às voltas com os livros do vovô. Andava pela casa carregando cada exemplar escolhido na biblioteca da casa dos avós. Lá passava praticamente todos os dias, já que a mãe trabalhava fora e só vinha buscá-la no entardecer. Muitas vezes, procurávamos por ela pela casa toda e a encontrávamos quietinha, folheando as páginas de um livro. Tinha o hábito de pedir aos tios, pais e avós para lerem o que estava escrito nas letras grandes que apareciam nas páginas dos livros, os títulos coloridos. Apontava as palavras e perguntava: "Que é isso? Para que serve?" Mais tarde começou a perguntar: "O que está escrito aqui?" E depois: "Essa letra com essa faz o quê?"

As pessoas respondiam suas perguntas e ela repetia em voz alta as informações, pensando sobre a língua portuguesa a partir do diálogo que estabelecia com as pessoas. Sempre pedia papel e lápis e tentava copiar as palavras e desenhar o que significavam. Pedia ajuda ao tentar escrever alguma coisa que desejava e não sabia. Isso aconteceu desde muito cedo na vida de Renata. Além disso, adorava ouvir as histórias que contavam para ela, pedindo aos adultos que apontassem com os dedos, no texto, a frase que estavam lendo.

Quando Renata tinha de quatro para cinco anos, ainda na Educação Infantil, já lia e escrevia tudo o que queria. Ao fazer seis anos de idade, mudou-se para um colégio onde o trabalho de alfabetização se baseava em atividades de cópia, exercícios em que a ordem era repetir várias vezes as mesmas palavras trabalhadas e formar pequenas frases a partir do vocabulário definido pela professora. Existia uma cartilha que determinava os fonemas ou as famílias silábicas que seriam reconhecidas e fixadas. Esses fonemas eram organizados pela visão hierárquica criada por um adulto.

Ao se iniciarem as propostas de formação de frases a partir de uma palavra dada, Renata trazia o caderno com as frases elaboradas na escola e riscadas pela professora, com indicações ao lado como: "Você não pode fazer essa frase. Eu não ensinei as palavras que você usou". Renata não entendia e perguntava à mãe: "O que está errado? Por que não posso escrever o que eu penso?". Renata não deixou de escrever o que queria, mas continuou a receber os bilhetinhos da professora. A mãe a incentivava a escrever o que desejava, independentemente das colocações feitas pela escola.

TEXTO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA,
ASSISTENTE DO E/DGED

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

Por que será que isso acontecia na sala de aula em que Renata estudava? Que concepção de escola, de educação, de mundo tinha essa professora ao desenvolver o seu trabalho?

A professora devia ter uma concepção de que o aluno é uma “tábula rasa” onde imprimimos algo – no caso, conhecimentos. Ela devia imaginar que só na escola a criança se apropriaria de conhecimentos como a leitura e a escrita. A escola seria, nesse caso, a única instituição que poderia “transmitir os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade”.

Os pressupostos de trabalho dessa professora se ancoram na concepção da escola mecanicista, segundo a qual o professor se vê como o centro do processo e o único elemento responsável pela transmissão de conhecimentos, atribuindo ao aluno um comportamento passivo. O papel da criança seria apenas memorizar uma enorme quantidade de conteúdos, trabalhados de modo descontextualizado e fragmentado. A visão apresentada é a de homogeneização, em que todos os alunos têm de caminhar do mesmo modo, por processos de ensino idênticos, sem levar em conta as possibilidades ou dificuldades de cada um.

O foco de aprendizagem da língua, na escola de Renata, se baseia no conhecimento da estrutura, do código escrito, sem preocupação com o aspecto discursivo. A língua não é vista como forma de expressão, e o trabalho é feito sem preocupação com a função social da escrita. É fundamental ressaltar que o trabalho de análise da língua precisa ser feito, mas de modo significativo, não por atividades mecânicas.

A professora não consegue imaginar que as crianças, desde que nascem, estão imersas em diferentes contextos culturais e, a partir da interlocução e da interação com o outro, mediados pelas práticas culturais, se apropriam de diferentes conhecimentos. No caso de Renata, ela se apropriou da leitura e da escrita a partir da mediação com adultos, crianças mais velhas que ela e os próprios livros. Mesmo sem a intencionalidade presente nas ações escolares, Renata teve a intervenção dos pais, avós etc., dando-lhe pistas e propiciando a elaboração de conceitos sobre a língua.

Do mesmo modo que Renata, que a partir de seu contexto cultural e da interlocução

com outras pessoas trouxe para a escola conhecimentos e valores que a estavam constituindo enquanto pessoa, todos os alunos trazem também outros conhecimentos, mesmo que não necessariamente sobre a leitura e a escrita. Cada indivíduo traz as marcas de um contexto cultural específico.

Renata não teve seus conhecimentos valorizados pela escola onde estudava. Como temos encarado e trabalhado os conhecimentos que os nossos alunos têm trazido para o interior das salas de aula? Será que os estamos considerando? Estamos atentos à história de vida e aos contextos culturais em que cada criança está inserida? Do mesmo modo, o que temos deixado de ensinar, acreditando que os alunos já deveriam trazer certos conhecimentos para a escola?

Outro dia, ouvi uma professora dizer, incrédula: “Meu aluno não sabe que se escreve da esquerda para direita, não sabe usar o caderno, deixa páginas em branco, não sabe copiar do quadro, não sabe o que é título. Não sei o que fazer com ele”. O aluno não sabe utilizar os livros e cadernos porque provavelmente não teve acesso a essas produções culturais, cabendo à escola ensiná-lo a usá-los a partir de situações significativas. Certos conhecimentos podem ser óbvios para algumas crianças e não para outras. Já conheci crianças que na escola não se saem bem na matemática, mas são trocadores das kombis que fazem o transporte nas comunidades, lidando com o dinheiro de forma autônoma.

O que acontece? De que forma esses conhecimentos são valorizados na escola? Será que a professora os ignora ou não sabe que o aluno os possui? Por que não parte dos conhecimentos cotidianos, sistematizando-os e transformando-os em conceitos científicos, levando-os à formação de conceitos mais complexos? É preciso conhecer cada criança e os contextos em que está inserida, pois só assim o professor poderá ter clareza das necessidades e potencialidades de cada aluno.

A escola ainda é uma instituição que tem como função ensinar. É preciso refletir: ensinar o quê, para quem, para quê e de que modo? Para isso, é preciso considerar cada aluno em suas necessidades e potencialidades, adequando o ensino e as propostas a partir desse conhecimento. ■

HOMENAGEM AO DIA DO PROFESSOR

Para pintar o retrato de um

Jacques Prévert

Para Elsa Henriquez

Primeiro pintar uma gaiola
com a porta aberta
pintar depois
algo de lindo
algo de simples
algo de belo
algo de útil
para o pássaro
depois dependurar a tela numa árvore
num jardim
num bosque
ou numa floresta
esconder-se atrás da árvore
sem nada dizer
sem se mexer...
Às vezes o pássaro chega logo
mas pode também ser que leve muitos anos
para se decidir
Não perder a esperança
esperar
esperar se preciso durante anos
a pressa ou a lentidão do pássaro
nada tendo a ver
com o sucesso do quadro



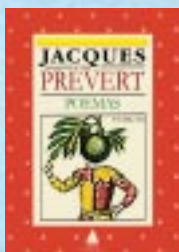
pássaro

ILUSTRAÇÃO: ADRIANA SIMEONE



Quando o pássaro chegar
se chegar
guardar o mais profundo silêncio
esperar que o pássaro entre na gaiola
e quando já estiver lá dentro
fechar lentamente a porta com o pincel
depois
apagar uma a uma todas as grades
tendo o cuidado de não tocar numa única pena do pássaro
Fazer depois o desenho da árvore
escolhendo o mais belo galho
para o pássaro
pintar também a folhagem verde e a frescura do vento
a poeira do sol
e o barulho dos insetos pelo capim no calor do verão
e depois esperar que o pássaro queira cantar
Se o pássaro não cantar
mau sinal
sinal de que o quadro é ruim
mas se cantar bom sinal
sinal de que pode assiná-lo
Então você arranca delicadamente
uma das penas do pássaro
e escreve seu nome num canto do quadro

© Éditions Gallimard.
Reproduzido de *Poemas – Jacques Prévert*. Tradução
de Silvano Santiago.
Editora Nova Fronteira.





Um exercício de felicidade

Um hospital em que tristeza e enfermidade dão lugar a risos e brincadeira. Um presídio onde um detento tem a oportunidade de ultrapassar os limites da cela e participar de um festival de música ou de um concurso de beleza. Um ônibus lotado que não é somente transporte de gente, mas um espaço para festas entre amigos. Esses são apenas alguns exemplos em que o lúdico subverte a natureza de um ambiente e o torna mais leve, com pessoas mais solidárias e criativas. A busca pela qualidade de vida, pelo fortalecimento das relações humanas e pelo crescimento pessoal e profissional pode ser transformadora se houver gente disposta a converter lugares tediosos e situações de adversidade em celeiros de criatividade e solidariedade. Tudo isso graças à ação de algumas pessoas capazes de promover verdadeiras metamorfoses.

Afinal, por que a brincadeira e o riso podem ser tão importantes? A psicóloga e mestre em educação Dulce Silveira explica que quando rimos liberamos no organismo substâncias capazes de produzir bem-estar, o que acaba nos relaxando. “A reação do riso é algo que instiga a mente e nos estimula. Normalmente saímos do paradigma em que nos encontramos. Fica mais fácil vermos as coisas em perspectiva”, completa ela.

No entendimento de Dulce, pessoas otimistas conseguem ser líderes. Entre gente assim, capaz de influenciar pessoas e promover mudanças, um menino forte e brigão passa a ter sensibilidade para desenhar e criar adereços, e um rapaz que mal consegue se expressar – tão manhá a timidez – desenvolve expressão cênica. São talentos desse tipo que o diretor de arte e cenógrafo Gringo Cardia vem descobrindo e lapidando desde que criou a ONG Spectaculu, em parceria com a atriz Marisa Orth, a educadora e diretora teatral Lucia Coelho e com o empreendedor cultural Paulo César Gama.

O espaço que Gringo fundou atende semestralmente a 300 adolescentes, de 16 a 21 anos, de 48 comunidades de baixa renda do Rio e da Baixada Fluminense. Lá, meninos e meninas aprendem carpintaria, cenografia, figurinos ou iluminação e vivenciam experiências teatrais. Apesar de não ser uma escola de formação de atores, eles encenam espetáculos uma vez por ano, assistem a filmes, participam de *workshops* com profissionais de destaque em suas áreas de atuação e são encaminhados para estágio.

O garoto brigão descrito acima é um dos exemplos de transformação que Gringo gosta de citar. “Ele era bem alto, mas um *criança*. Vivía brigando na rua. Começou nas aulas de carpintaria, que exigem mais força física, mas, nos momentos de descontração, pintava e desenhava. De repente, passou a confeccionar adereços e se tornou um profissional requisitado e uma pessoa gentil”, conta o idealizador da Spectaculu. Da mesma forma, o tal rapaz tímido desenvolveu veia artística, emocionou toda a família e passou a servir de exemplo para os irmãos menores, tornando-se um multiplicador da arte cênica na comunidade em que vive.

Transformação pessoal – É também através da arte que o diretor do Presídio Feminino Talavera Bruce, Marcos Pinheiro, procura combater o ócio da vida carcerária. Ele organiza eventos culturais em que as internas momentaneamente deixam de lado a condição de detentas para se tornar cantoras, atrizes, modelos, dançarinas ou esportistas. “Quando a gente promove uma atividade assim, está trabalhando união, sociabilidade, solidariedade... Qualquer detenta pode participar, independentemente da pena a que foi condenada, e 80% delas se envolvem com a atividade de alguma forma”, conta.

Para Marcos, o objetivo maior desses momentos lúdicos é ampliar o horizonte cultural, educar, conscientizar e, com isso, promover a transformação pessoal de quem cometeu erros no passado, mas, que de alguma forma, pode acreditar em um futuro diferente. Nos quatro ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA E
FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

anos que ele está na direção do Talavera Bruce, já foram organizadas peças teatrais, festivais da canção, concursos de fantasias com material reciclado, desfiles de misses e torneios esportivos.

A música, por exemplo, sempre esteve presente na vida da detenta Rosane Trindade, de 28 anos. Ela cantava na igreja que freqüentava com os pais desde os cinco anos, mas a sua vida tomou outro rumo. Rosane se envolveu com drogas e, por ironia do destino, acabou detida enquanto cantava em um bar com videokê. Mãe de cinco meninas – a última delas nascida na prisão –, hoje ela participa do coral do presídio e planeja mostrar seu talento quando ganhar a liberdade. Há dois meses, na segunda edição do Festival da Canção do Talavera, Rosane teve a oportunidade de interpretar uma canção sua diante de jurados como os *rappers* MV-Bill e Nega Giza e a cantora Alcione. “Nesses momentos, a gente se imagina lá fora, se sente importante. Meu sonho é sair daqui e gravar música *gospel*”, almeja Rosane.

São também os eventos realizados no presídio que motivam a detenta Patrícia Cristina dos Santos, de 31 anos, a mudar de vida. Segundo

ela, ter ocupação afasta a cabeça dos pensamentos ruins. “Participei do primeiro festival da canção e de seis campeonatos de futebol. Seria bom se promovessem mais atividades assim, porque elas ajudam a nossa recuperação. Fazem a gente acreditar que ainda pode ter uma oportunidade”, diz

Para a psicóloga Dulce Silveira, além de ocupar o tempo das presas e permitir que elas sonhem com um futuro diferente, esse tipo de entretenimento as reaproxima do que é socialmente aceito. “Com a descoberta de novas habilidades, as pessoas podem mudar o autoconceito e se perceber de forma mais positiva, abrindo um horizonte onde antes havia um muro”, analisa.

Para Gringo Cardia, a arte faz o lúdico se manifestar, tira um pouco do embrutecimento da vida. Segundo ele, para cada ser humano se conhecer, primeiro é preciso brincar e se descontraír. “Em qualquer lugar pode existir o lúdico, isso depende da cabeça das pessoas. A gente tem capacidade de inventar. Se você tem um lápis e um papel, tem um universo à sua frente”, acredita.

A vez do talento

Jovens muitas vezes sem perspectiva de futuro que se tornam atores, artistas plásticos, músicos ou bailarinos. Essa oportunidade é oferecida anualmente a 300 jovens de comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro pelo projeto Talentos da Vez, patrocinado pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), em parceria com a Secretaria Municipal das Culturas (SMC). O local é um galpão no bairro de Santo Cristo, próximo à Rodoviária Novo Rio. O que poderia ser um espaço abandonado e frio foi transformado em escola de artes cênicas com toda a estrutura necessária para as aulas teóricas e práticas.

O antigo armazém das Docas, de 15 mil metros quadrados, localizado em uma área desvalorizada da cidade, deixou de ser um lugar esquecido e tornou-se o maior espaço de projetos socioculturais da cidade do Rio, segundo a diretora executiva do Talentos da Vez, Ivonette Albuquerque. “É um armazém que produz arte e inclusão social”, comemora. O local é administrado pela revista *Aplauso*, uma das parceiras do projeto, e conta com o auxílio também da ONG Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (Cieds) e da Companhia Docas.

O Talentos da Vez é dirigido a jovens de 16 a 24 anos e tem um ciclo básico de aulas teóricas sobre direitos humanos e cidadania, português e redação, ingresso no mercado de

trabalho, história da arte e condicionamento físico. A etapa seguinte tem duração de três meses e é voltada para oficinas artísticas em cada especialidade: teatro, circo, artes plásticas, música e dança. Durante o curso, os participantes recebem bolsa-auxílio mensal e lanche. Concluindo essa fase, têm três meses de ensaio para a pré-produção, produção e apresentação de um espetáculo. O projeto beneficia também adolescentes que vivem nos Centros de Acolhimento da Prefeitura do Rio.

Outras possibilidades – Quem quiser se aprimorar no ofício que escolheu pode ser selecionado para as 180 vagas do Espaço do Artesão, patrocinado pelo Unibanco, onde há oficinas de figurino, cenário e adereços. Muitos se preparam para atuar na indústria do carnaval. “Temos alunos que aprendem a confeccionar figurino e vão para a Cidade do Samba”, lembra Ivonette.

Outras 50 vagas são destinadas ao projeto Companhia do Aplauso, preenchidas pelos mais talentosos no palco. Segundo a diretora executiva, atores, artistas de circo e dançarinos saem dali diretamente para novelas televisivas e companhias de dança, como a de Débora Colker. A direção artística está a cargo da atriz e diretora Cininha de Paula. Os dois projetos são realizados no mesmo espaço que o Talentos da Vez.



Patricia Cristina solta a voz no Festival da Canção do Talavera, atração do Presídio Feminino Talavera Bruce

Na avaliação da psicóloga e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Márcia Moraes toda vez que alguém lança mão do lúdico como recurso passa a dar outro sentido à vida, seja no trabalho ou nas relações humanas. “Passa a existir mais integração e comunicação entre as pessoas”, explica. Ela percebe isso acontecer, por exemplo, nas oficinas que ministra a alunos cegos do Instituto Benjamin Constant, baseadas na ludicidade, expressão corporal e em experiências com sons e texturas.

Momentos delicados – A ludicidade também pode ser uma ferramenta para ajudar o indivíduo a lidar com momentos em que precisa cuidar de problemas de saúde e até se hospitalizar. A ONG Brincar É Viver a utiliza há quase nove anos com crianças hospitalizadas para ajudá-las a aceitar a internação e o tratamento a que são submetidas. A organização surgiu a partir da experiência do psicomotricista Eduardo Costa com bebês hospitalizados no Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Esse trabalho lhe rendeu subsídios para a dissertação de mestrado que apresentou ao mesmo Instituto e foi levado por ele para a enfermaria pediátrica do Hospital Universitário Pedro Ernesto, em Vila Isabel, onde a ONG iniciou as suas atividades. Hoje, a Brincar É Viver atua também no Instituto Nacional do Câncer (Inca) e no Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti (HemoRio).

Eduardo explica que um hospital é também um lugar de risco para a criança, que fica afas-

tada da escola e da família. A hospitalização, segundo ele, é muito sofrida, ainda mais para uma criança, que não sabe bem o que está acontecendo. “Pode causar traumas. Por isso, nós usamos a brincadeira para evitar problemas que possam surgir. Queremos restaurar a autonomia e a potência do sujeito para evitar consequências desastrosas. Com o exercício da ludicidade, podem-se prevenir atrasos no desenvolvimento e distorções na personalidade do sujeito hospitalizado”, frisa.

As atividades acontecem duas vezes por semana, em salas próprias, afastando um pouco o grupo de crianças e adolescentes dos quartos. Há também visitas aos leitos e um acompanhamento particular, que cria uma relação mais próxima com os responsáveis e acompanhantes. Os profissionais da ONG buscam informações sobre a criança internada e sua família, que também é convidada a brincar. Como a criança está em tratamento e muitas vezes sente dor, os pais sentem medo de tocá-la. Por isso, nas brincadeiras e atividades, os familiares são chamados a tocar a criança, reaproximando-se dela “É um trabalho preventivo, mas também terapêutico. O brincar traz a possibilidade de elaboração e de reconstrução das marcas negativas causadas pela doença, a internação e o sofrimento”, ressalta Eduardo.

Mudanças positivas – O psicomotricista acrescenta que, durante a brincadeira, o paciente elabora e aprende a lidar com a sua realidade. As ►

mudanças são, muitas vezes, significativas. “Temos casos em que a criança está na cama paralisada, com os olhos arregalados, sem comer e sem falar. A gente chega devagarzinho, respeitando o espaço dela. Propõe uma atividade ou uma brincadeira e ela começa a reagir, e em pouco tempo já está interagindo. Mas sempre mostramos que ela tem a opção de fazer o que quiser, até mesmo dizer não. No tratamento, ela é submetida a procedimentos em que não tem poder de escolha. Às vezes, poder escolher é o mais importante naquele momento”, frisa o psicomotricista.

O trabalho não envolve somente as crianças, mas também o quadro de médicos e enfermeiros do hospital. A intenção é que eles não encarem os pequenos pacientes apenas como objetos de tratamento, mas como sujeitos de um discurso que precisa ser compreendido. Para Eduardo, essa atenção pode diminuir o sofrimento da criança. Pequenas mudanças podem tornar as coisas mais fáceis para ambos os lados.

O psicomotricista menciona experiências muito positivas como a do Instituto Philippe Pinel, que, no final da década de 1980, convidava os familiares a brincar com os internos. A internação em um hospital psiquiátrico, segundo ele, representa o afastamento, o isolamento de um indivíduo da sociedade e de seus familiares, principalmente quando faltam estrutura e recursos financeiros. “Foi uma tentativa de reaproximação da família, que muitas vezes já utiliza um discurso pronto nessas situações. O brincar cria um espaço de comunicação, criam-se novas possibilidades de escuta do outro e de expressão. É uma maneira de brincar com a vida, de ver e vivê-la”, avalia.

Canal de expressão – Trabalho semelhante é realizado pela Casa Ronald McDonald, no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, que abriga nos hospitais cariocas crianças e adolescentes submetidos a tratamento de câncer de outras cidades e estados. Eles participam de sessões semanais de arteterapia, com atividades que podem envolver música, expressão corporal, literatura, contação de histórias, artes cênicas e plásticas, entre outras. As arteterapeutas trabalham uma variedade de temas pensados pela própria equipe ou que surgem durante sessões anteriores. Alguns dos exemplos de temas mais

comuns são abandono, apego/desapego a bens materiais, amputação de partes do corpo, dor física, compaixão e solidariedade, construção/destruição, culpa, desproteção, medos, morte, solidão, segredos, saudade e revolta contra Deus, entre muitos outros.

A arteterapia abre um canal de expressão que serve para a criança elaborar suas emoções e seus sentimentos em relação à luta contra a doença, o que a ajuda a seguir o tratamento. “Com a técnica, podemos entender como a criança enxerga o mundo e o terapeuta pode fazer intervenções mais precisas, facilitando o acompanhamento de cada caso. É uma oportunidade de conhecer e compreender aspectos importantes do processo de adoecimento e de adaptação às situações-limite que surgem no decorrer da doença”, explica a psicoterapeuta Ana Luisa Baptista, que coordena essas atividades na Casa Ronald McDonald.

Ela afirma que a arteterapia proporciona ao jovem uma compreensão da doença, das experiências pelas quais passa durante o período de tratamento, de sua visão sobre a reação do adulto frente ao estado em que se encontra, e da possibilidade de elaborar experiências e resignificá-las. Mas não é só. Levando em conta que a saúde física e psicológica estão entrelaçadas, a leitura do lúdico reflete o momento em que a criança ou o adolescente estão vivendo e permite um prognóstico do paciente. Ela representa a possibilidade de revelar o que o inconsciente já sabe: qual o rumo que a doença está tomando. “A arteterapia não se limita a abrir um espaço para a expressão e elaboração de experiências dolorosas. A análise da produção do material trazido por esses pacientes – textos, desenhos, pinturas, movimentos, músicas – aponta os rumos da doença. Isso facilita o entendimento do processo vivenciado, o estudo dos casos, e permite intervenções mais rápidas, pontuais e adequadas para cada caso”, explica Ana Luisa. A psicoterapeuta acrescenta que nem sempre é possível intervir para reverter o curso da doença. O papel do terapeuta está em acompanhar o outro, dando suporte para que ele encontre um sentido para a experiência vivida.

Espaços de lazer – Nem os ambientes mais tristes escapam da criatividade humana, que pode

SAIBA MAIS

NÓS DA ESCOLA n.º 26 fala de muros que não servem apenas para delimitar terrenos, mas ganham novos significados ao serem grafitados, uma forma de expressão do espaço urbano. Na seção *Ponto e Contraponto*, está a entrevista com a escritora, professora e pesquisadora Nilma Lacerda em que ela elucida o significado dessa manifestação através da palavra.

transformá-los em seu oposto: áreas de descontração e entretenimento. Os moradores de Jardim Marajoara, Zona Sul de São Paulo, descobriram uma maneira diferente de visitar o cemitério de Congonhas. Quando não há motivo para chorar pela morte de um ente querido, os vizinhos costumam caminhar ou correr no local. Há um projeto na prefeitura paulistana, ainda na gaveta, que propõe a criação de espaços de lazer em outros cemitérios da cidade. Em alguns, há possibilidade de se construir áreas para *cooper*, piqueniques e outras atividades.

Esses casos mostram que não há espaço onde a ludicidade não possa entrar. O caminho para o trabalho, em meio a um trânsito tumultuado e estressante, é outro bom exemplo. Espremidos em um ônibus às 7 horas da manhã, os passageiros costumam estar sonolentos ou mal-humorados. Mas não é o que acontece no ônibus de numeração com final 019 da linha 350 (Irajá-Passeio), no Rio de Janeiro, graças à alegria e desembaraço da cobradora Ângela Cristina

de Souza Cruz. Ela sempre faz amizade com os passageiros e é conhecida por colegas e usuários da linha por promover festas dentro do coletivo, que costuma chamar de sua "fábrica de fazer amigos".

A mais recente comemoração organizada por Ângela aconteceu no Dia dos Pais. Na viagem de pouco mais de uma hora, quem entra no ônibus se deparava com bolas de encher por toda parte e se deliciava com rocambole e suco. Tudo na maior descontração, com direito a muito papo e gargalhadas. "Houve uma época em que eu ligava a cobrar para a casa dos passageiros que me pediam para avisá-los quando o ônibus ia sair do ponto. Durante oito meses, eu telefonava todos os dias para a casa de 32 deles. Passamos a ser amigos", conta a cobradora.

Momentos de descontração – A estudante de psicologia Jamile dos Santos, de 21 anos, passou a ser freqüentadora assídua do ônibus depois que a mãe, Maria Cristina Gomes, con- ▶

Na Casa Ronald McDonald, a ludicidade faz parte do dia-a-dia das crianças com câncer, que expressam suas emoções através da brincadeira





A comemoração pelo Dia dos Pais foi mais uma “festinha” organizada por Ângela, cobradora da linha 350, que faz o trajeto entre Irajá e o Passeio

tu como eram as viagens. Em vez de ir de metrô em horário de *rush*, ela preferiu pegar o coletivo no ponto final e ir até o Centro conversando com outras pessoas. “Antes chegava à faculdade sonolenta, sem ânimo. Agora tenho outra disposição, vou rindo, brincando. O pessoal do ônibus já virou amigo e marcamos de ir a um barzinho, sair juntos”, comenta Jamile.

Aliás, o vínculo se tornou tão forte que o churrasco para comemorar o aniversário do motorista Genilson Guilherme foi realizado em um sítio e os passageiros estiveram lá para prestigiar o evento. A fama do ônibus de Ângela chegou até à internet. Algumas pessoas criaram comunidades no *site* de relacionamentos Orkut para lembrar as viagens memoráveis no veículo. Entre elas, podemos achar a “Adoradores do 019” e a “Faço bagunça no 350”.

Experiências como essa são importantes, no entendimento da psicóloga Márcia Moraes, porque fazem com que as pessoas passem a perceber a existência do outro. Em situações cotidianas, é comum quem está à volta ser praticamente invisível aos nossos olhos. Mas encarar momentos de descontração, que afastam o tédio e o mau humor, modifica as relações. “As pessoas

partilham experiências, riem do outro e de si próprios. Relaxam suas identidades”, afirma. De acordo com ela, rir de nós mesmos nos enriquece, possibilita que nos conheçamos. Quando temos idéia de que cometemos erros e os tratamos de forma lúdica, estamos nos aceitando, reconhecendo nossas limitações e, com isso, temos mais facilidade para nos modificar.

Para a psicóloga Dulce Silveira, a brincadeira pode ajudar a combater o estresse, melhorando a qualidade de vida das pessoas. “Brincar é algo eminentemente criativo. Muita gente tem essa capacidade na infância, e quando fica adulta canaliza essa energia para atividades artísticas ou intelectuais. Mas a brincadeira, o fato de transformar o ambiente persiste”, finaliza.

Exercer a ludicidade é fundamental para o ser humano lidar com a vida, com seus caminhos e descaminhos. Seja em momentos de agitação ou de tédio, em tempos de bonança ou de adversidade, o brincar nos ajuda a exprimir e a lidar com pensamentos, sentimentos e emoções. É uma possibilidade de nos tornarmos indivíduos mais bem resolvidos, com uma qualidade de vida melhor e, certamente, mais felizes. ■

Fatos de uma guerra sem fim

Ataque de Israel ao sul do Líbano é parte de um conflito que se arrasta há anos no Oriente Médio



Em julho e agosto, o mundo assistiu a mais um capítulo sangrento da novela de conflitos no Oriente Médio. Em reação a um atentado do grupo guerrilheiro libanês Hezbollah, Israel atacou o sul do Líbano para acabar de vez com a guerrilha muçulmana xiita. Do ponto de vista humanitário, a guerra foi desastrosa. Quando o cessar-fogo entre os dois países foi assinado, já havia mais de 1.200 mortos, a maioria do lado libanês, e mais de 4 mil feridos.

O Líbano – uma nação reconstruída depois de uma longa guerra civil que durou 15 anos (1975-90) – está novamente em ruínas. Cidades inteiras foram evacuadas e estão sem luz, água e telefone. Milhares de estrangeiros retornaram a seus países. Estima-se em 10 anos o período necessário à reconstrução da infra-estrutura das cidades destruídas no confronto.

A guerra foi apenas o episódio mais recente da difícil co-existência entre Israel e o Hezbollah. O grupo surgiu como resistência à segunda invasão israelense ao país em 1982 (a primeira foi em 1978), que tinha como objetivo a expulsão dos guerrilheiros da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), comandados por Yasser Arafat (1929-2004). A OLP tinha

sido expulsa da Jordânia em 1971, transferindo suas operações para o Líbano, e atacava o norte de Israel a partir de suas posições no sul do país.

O Hezbollah preencheu o vazio deixado na região pela organização palestina, contando com o apoio da Síria e do Irã, país de maioria xiita que fornece armas e mísseis para suas ações bélicas. O grupo é também um partido político e integra o governo libanês, tendo inclusive membros de seus quadros à frente de ministérios. Além disso, controla política e militarmente o sul do Líbano (um reduto xiita), desenvolve programas sociais (mantendo creches e hospitais) e opera uma emissora de rádio e outra de TV.

Ação e reação – O último episódio do conflito entre Israel e Líbano começou em 12 de julho, quando um ataque da guerrilha libanesa resultou na morte de oito soldados israelenses e no seqüestro de dois outros. A ação tinha como objetivo negociar a libertação de presos libaneses em poder dos israelenses. Em retaliação, Israel lançou uma ofensiva ao seu vizinho do Norte, bombardeando pontos estratégicos como estradas, pontes, usinas de geração de energia elétrica e o aeroporto internacional da capital ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

ILUSTRAÇÕES

ALINE CARNEIRO



Beirute. Mais tarde, deflagrou uma ofensiva terrestre na tentativa de desarmar o Hezbollah. O grupo miliciano, por sua vez, disparou mísseis contra cidades do norte de Israel, principalmente Haifa, a terceira maior do país. Depois de muita negociação, mediada pelas Nações Unidas, foi assinado um cessar-fogo que entrou em vigor no dia 14 de agosto.

Politicamente, o conflito não foi favorável a Israel. O exército israelense não conseguiu desarmar as forças do Hezbollah, o que gerou um grande questionamento no país a respeito da falta de objetivos concretos da ação militar e de sua eficácia. Ao mesmo tempo, o poder de fogo da guerrilha libanesa surpreendeu ao lançar mais de 4 mil mísseis contra Israel.

Bandeira esfarrapada – Para o professor de história contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF) Williams Gonçalves, uma das principais conseqüências políticas dessa guerra é o isolamento cada vez maior de Israel e o crescimento do sentimento anti-israelense. “A posição militar do país é bastante forte, mas a posição moral e política é cada vez mais fraca, devido a sua reação desenfreada. Israel está dilapidando todo o seu capital moral. Também faz péssimo uso do Holocausto. Essa bandeira, usada na tentativa de justificar os seus atos, está se tornando cada vez mais esfarrapada, porque o país dispensa aos seus vizinhos tra-

tamento igual ou pior ao que os nazistas lhes dispensavam. Isso se traduz em um isolamento crescente”, ressalta.

O professor de história contemporânea da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade Cândido Mendes (Ucam) Márcio Scalécio concorda que o conflito no Líbano trará desgaste para Israel. “A reação desproporcional dos israelenses foi condenada por muitos países. Isso trará um isolamento internacional ainda maior ao país. Israel só se beneficiaria pudesse aniquilar o Hezbollah, mas mostrou que não tem essa capacidade. O custo militar foi gigantesco. O custo humanitário de ambos os lados também foi altíssimo, especialmente para o Líbano e o norte de Israel. O fato de Israel não ter conseguido desarmar o Hezbollah desmoraliza suas forças armadas e fortalece o grupo libanês, que vai se vangloriar de não ter sucumbido”, frisa.

Soberania política – O histórico de conflitos no Oriente Médio remonta a milhares de anos. Mas pode-se relacionar o início dos problemas atuais à dissolução do Império Turco-Otomano depois da Primeira Guerra Mundial. Toda a região que hoje compreende Israel, Líbano, Síria, Iraque, Jordânia e Arábia Saudita pertencia ao Império. Com o fim da guerra, a Turquia abriu mão da ascendência sobre essa região e suas províncias passaram para a administração da recém-criada Sociedade das Nações, que dividiu a área em territórios e



delegou poderes ao Reino Unido e à França para prepará-las para a soberania política.

Mas, mesmo antes disso, os judeus já se deslocavam para a Palestina para formar *kibutz*es, comunidades agrícolas socialistas, e conviviam bem com os palestinos. Entretanto, com a chegada dos nazistas ao poder em 1933 na Alemanha, os judeus começaram a ser perseguidos e engrossaram o fluxo de exilados rumo à Palestina. A região ainda estava sob a administração do Reino Unido quando foi criado o estado de Israel. No dia seguinte à declaração de independência de Israel, em 14 de maio de 1948, uma coalizão formada por Jordânia, Egito, Síria e Iraque declarou guerra aos judeus.

A aliança árabe, no entanto, foi derrotada e Israel ultrapassou as fronteiras estabelecidas pela ONU. Em junho de 1967, os israelenses descobriram que Síria, Egito e Jordânia haviam formado uma nova coalizão para atacá-los e lançaram uma ofensiva preventiva contra bases aéreas de seus possíveis agressores. Em menos de uma semana, anexaram a seu território a Faixa de Gaza, a Península do Sinai, as Colinas de Golã, a Cisjordânia e a parte Leste de Jerusalém. O episódio ficou conhecido como a Guerra dos Seis Dias.

Em outubro de 1973, forças sírias e egípcias atacaram Israel, na tentativa de retomar as Colinas de Golã (território pertencente à Síria). Triunfaram no início, mas em poucos dias recuaram e praticamente foram aniquiladas. Como a

ação árabe fora deflagrada durante a comemoração do ano novo judaico, o conflito ficou conhecido como a Guerra do Yom Kippur.

Em 1978, Israel e Egito, com mediação norte-americana, assinaram em Maryland, EUA, o histórico acordo de paz de Camp David (o nome da casa de campo do presidente norte-americano), que incluía, entre outros itens, a devolução da Península de Sinai, concretizada em 1982. Como consequência, o presidente egípcio Anwar Sadat foi assassinado por um grupo terrorista conterrâneo em 1981. Já em 1987, a população palestina, com participação da OLP, insurgiu-se contra as forças militares de Israel com pedras, paus, coquetéis molotov e granadas de mão, protagonizando a primeira "intifada" (levante em árabe).

Anos mais tarde, em 1993, Israel e a OLP – reconhecida pela primeira vez como a representante legítima dos interesses palestinos – assinaram uma declaração de princípios, novamente em Camp David, criando a Autoridade Nacional da Palestina (ANP) e estabelecendo um cronograma para que a entidade assumisse o governo dos territórios palestinos – medidas que entraram em vigor no ano seguinte.

Em 2005, marcando uma mudança de direção surpreendente, Israel promoveu a retirada unilateral de todos os assentamentos israelenses de Gaza e de alguns da Cisjordânia, uma iniciativa do *premier* israelense Ariel Sharon, em coma desde janeiro deste ano. ■

SAIBA MAIS

Video

- O episódio n. 18 da série *Crônicas da minha escola* fala sobre o Líbano. O documento mostra como vivem e estudam os alunos das séries iniciais em países de diferentes continentes, tendo a educação como eixo narrativo e a escola como agente de humanização e constituição da cidadania. Os programas permitem a reflexão sobre a realidade social de cada país, abrindo caminho para tratar de temas como identidade e diversidade cultural, preconceito, discriminação, inclusão, exclusão e estereótipos culturais. A série é exibida na Band/Rio toda segunda-feira, das 14h às 14h30, e no canal 14 da NET toda sexta-feira, das 9h às 9h30.

Livros

- ARBEX JR., José. *Terror e esperança na Palestina*. São Paulo, Casa Amarela, 2002.
- COHN-SHERBOK, Dan & EL-ALAMI, Dawoud. *O conflito Israel-Palestina – para começar a entender...* São Paulo, Palindromo, 2005.
- DUPAS, Gilberto, VIGEVANI, Tullio (orgs.). *Israel-Palestina – a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo, Unesp, 2002.
- LEWIS, Bernard. *O que deu errado no Oriente Médio?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
- SCALÉRCIO, Márcio. *Oriente Médio* Rio de Janeiro, Campus, 2002.

Monitoria de alunos
de escolas da
Prefeitura do
Rio de Janeiro

Monitoria
em Informática
Educativa
via Internet

Divulgue
o endereço
do site!

Os alunos monitores
aguardam
suas perguntas!!!



monitomania

Tire suas dúvidas no site Monitomania sobre:

- Illuminatus
- Kid Pix
- Kid Class
- IEE
- Visual Class
- Animação
- Mulec
- Open Office
- Internet

Em breve, monitomania também em outras áreas.

Para maiores informações, acesse o fale conosco no site.

www.multirio.rj.gov.br/portal/monitomania

Conversa sem hora marcada

Falar abertamente sobre a morte é a melhor forma de ajudar as crianças a enfrentar seus medos

De todos os medos que afligem o ser humano, o da morte talvez seja o mais recorrente. Teme-se a própria morte e a das pessoas que se ama, a interrupção de sonhos e planos, a ausência de uma voz, de um sorriso, um abraço, uma conversa pelo telefone no meio da tarde ou a cadeira vazia no jantar em família. E também a possibilidade de deixar desassistidos filhos e – por que não? – pais, a família e os amigos. É tanto medo que a morte é esquecida, ocultada, sequer mencionada. Muitos ainda batem três vezes na madeira ao falar nela, como se pudessem espantá-la. O problema é que ela assusta, mas não se assusta. Ou, nas palavras do escritor mineiro Otto Lara Resende, “a morte é, de tudo na vida, a única coisa absolutamente insubornável”.

Por isso mesmo, é preciso falar nela, abrir espaço para que seja pensada, sentida e superada. E isso inclui a escola. Os professores, portanto, devem estar preparados para lidar com o assunto e acolher da melhor forma possível as dúvidas, ansiedades e temores de crianças e adolescentes, seja diante da morte concreta de um familiar ou amigo, seja diante da simples idéia da finitude da vida. Ter na sala de aula um aluno que acabou de passar por uma perda não pode ser tabu, motivo de constrangimento ou senha para proibir a palavra morte na turma. O assunto, ao contrário, nunca deve ser evitado.

Esta é uma orientação comum entre psicólogos que pesquisam o luto e suas conseqüências. A Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo e a Universidade de São Paulo (USP) têm laboratórios dedicados exclusivamente ao tema. Fundadora e coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu) da PUC, Maria Helena Pereira Franco chama atenção para a necessidade de abordar o assunto com naturalidade, assim como tantos outros imprescindíveis à formação dos cidadãos. “A morte faz parte da vida e deve ser introduzida junto com os outros assuntos que são estudados, guardando-se o respeito às diferentes visões que as famílias dão a seus filhos sobre o tema”, explica. A naturalidade, de fato, é a melhor receita.



Não há palavras ou situações a serem evitadas, não há certo e errado. Até porque não há nada a “ser ensinado”, como destaca Roosevelt Cas-sorla, psicanalista e professor do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Os professores apenas abrem um espaço para os sentimentos e reflexões. A criança precisa sentir-se acolhida em seu sofrimento e isso é feito ouvindo, compreendendo e acolhendo. As crianças raramente farão perguntas ‘difíceis’. O que elas mais desejam é serem acolhidas”, argumenta. ▶

TEXTO
RENATA PETROCELLI
ILUSTRAÇÕES
GUSTAVO CADAR

Enfrentando o medo – Falar sobre a morte deveria ser tão natural quanto a certeza de que ela virá para todos. Mas não é isso o que acontece. Em família, e até na escola, é comum a tentativa de “poupar” as crianças do sofrimento da perda, como se elas não tivessem condições de suportar a dor, ou como se pudessem seguir ignorando que um parente próximo ou um amigo nunca mais voltará. Pais e professores não sabem como dizer a verdade, mesmo porque também cresceram num ambiente em que a morte é tabu. Para Maria Júlia Kovács, professora do Laboratório de Estudos sobre a Morte da USP, a dificuldade em lidar com a morte vem da mentalidade que a associa ao fracasso, ao erro e à vergonha, como se fosse possível evitá-la. “Há uma concepção errônea, que vem se desenvolvendo principalmente entre os médicos, de que seria possível combater a morte”, aponta. Neste sentido, aceitá-la seria o mesmo que reconhecer nossa fraqueza diante dela, como ressalta Maria Helena, do LELu: “Nossa sociedade prefere pensar em si como dotada de poderes supremos, quase como imortal. Ela confia em deuses como a ciência, que pretensamente estão aí para protegê-la de sua condição humana”.

Tal postura, no entanto, só provoca mais medo e ansiedade. Por mais que se evite falar no assunto, a criança percebe a morte, porque é obrigada a conviver com ela – quando perde um parente ou amigo, quando vê os efeitos da violência nas vizinhanças das grandes cidades ou quando tem de se despedir de um bichinho de estimação. A morte de um animal doméstico, aliás, é uma das situações recomendadas pelos especialistas para introduzir no cotidiano das crianças uma conversa sobre o assunto. Outras opções são a morte de pessoas famosas, o ciclo de vida das plantas ou as estações do ano, por exemplo. “Quando digo à criança que o cachorro dela morreu, em lugar de enganá-la e ir correndo comprar outro para substituí-lo, eu digo mais: que o assunto pode ser falado, que as perguntas podem ser feitas e que se as respostas faltarem o adulto será honesto em dizer que não tem todas as respostas”, defende Maria Helena.

Ao contrário do que se possa imaginar, não há sequer uma idade mínima para a abordagem

do tema. Se as crianças estão prontas para perguntar, estão prontas para ouvir as respostas. Desde, é claro, que elas sejam adaptadas à sua capacidade de compreensão. “A partir do momento em que se desenvolve a linguagem e no momento em que a criança faz perguntas já é possível falar com ela sobre a morte”, destaca Maria Júlia. Falar, portanto, é essencial. Resta a dúvida sobre como falar. É para isso que pais e professores devem estar preparados. Mais uma vez, a naturalidade é o melhor caminho. E os fatos do cotidiano, vivenciados e observados pelas próprias crianças, são sempre oportunidades ideais.

Outro recurso válido é a utilização da arte. Histórias infantis, filmes ou músicas e até desenhos animados e novelas de TV podem ser de grande valia na hora de iniciar e desenvolver um debate sobre a morte. O importante é que a criança se reconheça nos exemplos e recursos utilizados e tenha a oportunidade de expressar seus próprios sentimentos. “O ideal é investigar as próprias fantasias da criança, que dependerão do ambiente cultural e das informações que possa ter tido. A obra de arte pode servir para que a criança, identificada com os personagens, possa vivenciar suas emoções”, aconselha Roosevelt.

Incentivar a expressão das emoções é parte essencial do trabalho de pais e professores. É preciso facilitar a compreensão das crianças, mas recorrer a eufemismos para fazer referência à morte é um erro que deve ser evitado. “Os eufemismos confundem a criança, principalmente se ela estiver no período em que utiliza pensamento mágico ou egocentrismo para explicar os fenômenos”, orienta Maria Helena. Expressões do tipo “dormiu para sempre”, por exemplo, podem provocar na criança o medo da hora de dormir, já que ela passa a associar o desaparecimento de uma pessoa amada ao sono. Dizer que o pai falecido “fez uma viagem” pode, além de despertar a raiva e a culpa da criança, que pensa ter sido abandonada, causar temor em relação a qualquer outra viagem que um membro da família venha a ter de fazer. Não há nada melhor, portanto, que usar a palavra morte, explicar que a pessoa falecida não vai mais voltar e que não foi escolha dela deixar a família.



Entendendo os sinais – As reações de uma criança diante da perda de um ente querido são variáveis e incluem muitas vezes a raiva ou a culpa pelo suposto abandono. Maria Júlia ressalta que a criança pode apresentar problemas com a alimentação, o sono ou a forma de se relacionar com as pessoas próximas. É preciso perceber estes sinais em casa e na escola, descobrindo, na prática, a melhor maneira de lidar com eles. A verdade e a objetividade na hora de abordar o assunto garantem, ao menos, que a criança compreenda o que está acontecendo e saiba que tem espaço para dividir seus medos e dúvidas. “O medo do desconhecido é preenchido pela criança com fantasias de retorno, de outra vida, mas ela também pode se sentir abandonada, culpando o morto que a deixou ou sentindo-se culpada pela morte. Esse processo costuma resolver-se naturalmente com o tempo, mas será prejudicado se a criança perceber a dificuldade do ambiente em lidar com naturalidade com a perda e seus sentimentos” explica Roosevelt.

O papel de pais e professores, portanto, é o do acolhimento. Cabe a eles a criação de um

ambiente em que a criança se sinta à vontade para viver sua dor, sanar suas dúvidas e lidar com seus medos da maneira mais saudável possível, evitando problemas presentes e futuros. Mesmo que não haja a vivência imediata de uma situação de luto, a morte deve ser um tema natural, comentado a partir dos fatos cotidianos que cercam a família e a escola. A fragilidade do ser humano diante da morte é uma realidade que não deve ser ignorada. Todos, crianças e adultos, sofrem diante das perdas e devem encontrar espaço para expressar e dividir este sofrimento. Não é preciso que pais e professores demonstrem uma força que não têm, escondam seus próprios medos ou adiem o confronto das crianças com a realidade. A dor é inevitável. Mas a forma de lidar com ela pode ser mais ou menos adequada, e disso vai depender a forma como os cidadãos que estão sendo formados enfrentarão, no futuro, seus próprios medos e angústias. “O tempo é que resolve o luto. Mas ocorrerá prevenção de luto patológico se o enlutado puder ser ouvido e acolhido. O importante é ser paciente”, ensina Roosevelt. ■

Unidos por um mesmo ideal

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Depois de vivenciarem todas as etapas da produção de uma peça teatral, alunos matriculados nas oficinas do Núcleo de Artes Grécia, da Penha, experimentaram o sabor de realizar uma verdadeira turnê. A peça *Retalhos do folclore brasileiro*, produzida pelo grupo no ano passado, percorreu quatro escolas do município, localizadas na região da 4ª CRE, entre os dias 22 e 31 de agosto.

Estar diante de uma plateia dia após dia era só o que faltava para alguns dos alunos estreatantes nas oficinas oferecidas pelo Núcleo de Artes. Juntos, e sob orientação de professores de música, teatro, arte literária, artes visuais e dança, eles pesquisaram as manifestações folclóricas brasileiras, criaram texto, músicas, cenário e coreografias e levantaram o espetáculo. "Sentíamos necessidade de que o trabalho ganhasse repercussão maior, que saísse da escola. Realizamos sempre duas mostras anuais, mas é pouco. É maravilhoso sair em excursão por escolas do município, porque mostramos nosso trabalho e ainda divulgamos os núcleos de arte, para que outros alunos conheçam e participem", destaca Guilherme César de Oliveira, chefe do Núcleo de Artes Grécia.

A idéia já foi testada e aprovada. Tudo começou no ano passado, quando o espetáculo *O fantástico mistério de Feiurinha*, produzido em 2004, foi apresentado em várias escolas. Com

a boa repercussão, o "bis" ficou garantido. Este ano, foram visitadas as escolas municipais Anita Garibaldi e Presidente Eurico Dutra e os cieps Leonel de Moura Brizola e Gregório Bezerra. Na plateia, foi priorizada a presença das turmas de progressão. "É uma atividade importante para eles conhecerem as possibilidades da linguagem teatral e descobrirem que também têm oportunidade de participar das oficinas", ressalta Cláudia Reis, da equipe da DED da 4ª CRE.

Alegria e disposição – Se na plateia o esperado é a descoberta, nos bastidores o clima é bem parecido. Como o espetáculo foi produzido no ano passado, os ensaios foram retomados em abril de 2006, com a substituição de alguns atores. Duas vezes por semana, durante uma hora e meia, os alunos reencontravam seus personagens com alegria e disposição contagiantes. "Aqui a gente aprende muita coisa, faz amigos e fica sendo bem mais que alunos e professores", justifica Landara Santana Coelho, de 13 anos, aluna de dança e teatro.

O encontro de diversas linguagens é outra característica marcante do trabalho desenvolvido em *Retalhos do folclore brasileiro*. O espetáculo foi montado com a participação ativa dos professores de dança, música, teatro e artes visuais. Há intervenções musicais criadas pelos próprios alunos, adereços e figurinos confeccionados por eles e muita coreografia. "A cada ano, temos um tema e as técnicas de dança já são transmitidas de acordo com as necessidades das coreografias. Para este ano, com o folclore, trabalhamos o frevo e as danças indígenas", explica Cláudia Bruno Peixoto, professora de dança. Todas as segundas-feiras, Cláudia se reúne com Patrícia Alves Silva de Lima, professora de teatro, Maria Emília Resende Dornellas, de música, e Laurentina Gomes de Barros Silva, de artes visuais. É nesses encontros que elas vão descobrindo como integrar cada uma das oficinas na montagem de um único espetáculo. "O que caracteriza a arte popular, por exemplo, é que o artista cria com o que tem à sua disposição. A oficina trabalha com esta idéia. Assim criamos os fantoches, alguns adereços e até o cenário de um banheiro", conta Laurentina.



Alunos e professores do Núcleo de Artes Grécia fazem dos ensaios uma grande diversão



Os desejos de uma grávida criam a maior confusão...



... na peça *Retalhos do folclore brasileiro*, que mistura referências à cultura popular

No palco, os alunos mostram trechos relacionados a figuras e manifestações folclóricas, como o bumba-meu-boi, o boto cor-de-rosa, o frevo e a vitória-régia. Fantoches, enormes bonecos de Olinda e um grande bumba-meu-boi ajudam a contar as histórias. Tudo isso criado pelos próprios alunos, que escreveram também o texto, a partir de pesquisas coordenadas por Patrícia. “Fizemos pesquisas sobre lendas, cantigas, cartazes, fomos ao Museu do Folclore e ao Museu do Pontal. E a peça tem até um duelo de repente, tudo escrito a partir do que foi estudado”, destaca a professora de teatro. Para completar, música ao vivo, executada pelos alunos das oficinas de música, com instrumentos como teclado, triângulo, zabumba e chocalho. “Trabalhamos a técnica vocal e a respiração com os atores, mas também gostamos de dar visibilidade aos alunos que só frequentam as oficinas de música. Na época do espetáculo *O fantástico mistério de Feurinha*, gravamos até um CD com a trilha sonora, toda feita pelos alunos”, destaca Maria Emília.

Arte cotidiana – A montagem de um espetáculo é apenas a culminância de um trabalho que se concretiza dia após dia, oferecendo opções de crescimento, aprendizado e expres-

são para alunos da rede municipal de ensino. O Rio de Janeiro conta com nove Núcleos de Arte (*veja o quadro*), com oficinas de arte literária, artes visuais, dança, música, teatro e vídeo. Há prioridade para alunos da Rede, mas outros adolescentes também podem se inscrever. No Núcleo de Arte Grécia atualmente estão inscritos cerca de 500 alunos e as oficinas mais procuradas são as de teatro, dança e música. Há quatro anos, Cláudia Santisani, de 13 anos, nem pensa em abandonar as oficinas de dança e teatro. “Aqui temos a oportunidade que lá fora teríamos de pagar muito para ter. Os professores são amigos, formamos uma verdadeira família”, comenta.

Embora as aulas sejam de linguagens artísticas, o aprendizado vai muito além. Quem ressalta são os próprios alunos. “Já fiz uma apresentação e fiquei bastante nervoso, mas aqui todo mundo se ajuda. A gente aprende a se respeitar e a ser amigo”, conta Wallace da Silva, de 15 anos e há cinco meses no Núcleo de Arte Grécia. E pode ser que eles nem se dêem conta, mas a capacidade de expressão também cresce, e muito. “Quando estamos ensaiando, toda hora incluímos coisas novas, porque eles vêm com novas idéias todos os dias. A criatividade é maior a cada dia que passa”, conclui Maria Emília. ■

Espaços de criatividade

A rede municipal de ensino tem nove núcleos de arte, supervisionados pelo Programa de Extensão Educacional. As oficinas estão divididas em módulos básicos e módulos de continuidade e as aulas acontecem duas vezes por semana, com duração de uma hora e meia. Confira abaixo os endereços:

- Núcleo de Arte Avenida dos Desfiles – Rua Salvador de Sá, sem número, Cidade Nova. Sambódromo, setor 9. Tel: 2502-5199.
- Núcleo de Arte George Pfisterer – Praça Nossa Auxiliadora, sem número, Gávea. Tel: 2259-2997.
- Núcleo de Arte Alencastro Guimarães – Rua Toneleros, 21, Copacabana. Tel: 2236-0154.
- Núcleo de Arte Nise da Silveira – Rua Ramiro Magalhães, 521, Engenho de Dentro. Tel: 2591-4216.
- Núcleo de Arte Grécia – Avenida Brás de Pina, 1614, Penha. Tel: 3391-4682.
- Núcleo de Arte Professor Souza da Silveira – Rua Amália, sem número, Piedade. Tel: 2597-2937.
- Núcleo de Arte Silveira Sampaio – Rua José Perrota, 31, Curicica, Jacarepaguá. Tel: 2441-2550.
- Núcleo de Arte Albert Einstein – Rua Guimarães Rosa, 156, Novo Leblon, Barra da Tijuca. Tel: 2438-5144.
- Núcleo de Arte Professor João Fernandes Filho – Rua Primeira Cruz, sem número, Campo Grande. Tel: 2415-2373.

Um sistema em construção



Diretora da Divisão de Educação da 6ª CRE, Maria do Socorro ficou satisfeita com os resultados da jornada

A passagem do sistema seriado para o de ciclos no ensino fundamental da rede municipal de ensino foi o tema principal da I Jornada de Lideranças da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da Secretaria Municipal de Educação (SME). O evento, realizado de 24 a 26 de julho, na Escola Municipal Jardim de Infância Ana de Barros Câmara, no bairro de Coelho Neto, contou com a presença da secretária municipal de Educação Sônia Mograbi, representantes do Departamento Geral de Educação da SME (E/DGEEd), e diretores e coordenadores pedagógicos das escolas da região.

Temas ligados à implantação dos próximos ciclos e uma reflexão sobre os resultados da experiência do primeiro, já em vigência, constaram da pauta do encontro, que foi dividido nos eixos: gestão, currículo, avaliação, formação profissional continuada e recursos e suportes pedagógicos. Na abertura, os participantes assistiram a uma apresentação de dança realizada pelas alunas da Escola Municipal Bélgica, do bairro de Guadalupe. A jornada contou com sessão expositiva e plenárias de discussão, encerradas na Escola Municipal Monte Castelo, em Coelho Neto.

O encontro começou com apresentação da secretária de Educação seguida de palestras da diretora do E/DGEEd Leny Datrino e do professor Antônio Augusto Matheus Filho, da equipe de avaliação da SME. A professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Carmem Sanches falou sobre formação continuada, e a

diretora da Divisão de Mídia e Educação da SME Simone Monteiro, sobre desenvolvimento humano.

Mudanças em debate – De acordo com a diretora da Divisão de Educação da 6ª CRE, Maria do Socorro Ramos de Souza, o objetivo principal do encontro foi discutir a implantação de mais dois ciclos na Rede, que, como o primeiro, se estenderão por três anos letivos. O evento se propôs ainda a discutir a importância das lideranças nesta etapa de transição e a definir que características elas devem assumir dentro do ambiente escolar.

“Já existe uma idéia de Rede em ciclos, porque trabalhamos com isso. Para os gestores, não é novidade. Mas há escolas de 5ª a 8ª séries que ainda são seriadas, sem uma vivência do sistema. Por isso, propusemos juntar esses dois grupos para que um enriquecesse o outro. Nas plenárias surgiu uma visão da nossa coordenadoria de educação sobre essa mudança na Rede”, explica Maria do Socorro.

A diretora da Divisão de Educação da 6ª CRE ficou satisfeita com o envolvimento dos participantes no debate. Além da ampla discussão dos temas principais, um grupo mais restrito tratou dos pólos e das unidades de extensão. “O evento foi gratificante. Quatro grupos falaram sobre determinado tema, se reuniram e escreveram um texto. Em seguida, eles finalizaram um único documento de avaliação do primeiro ciclo com sugestões para o próximo”, complementa a diretora da DED/6ª CRE. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

A hora da alegria na escola

“Chegou, chegou, tá na hora da alegria. No circo tem palhaço, tem, tem todo dia”. Foi assim, entoando a canção dos palhaços Atchim e Espirro, que os alunos da Escola Municipal Gastão Monteiro Moutinho, em Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade, deram asas à imaginação durante as aulas de educação física. A professora Glauce Fontes resolveu apresentar às crianças da educação infantil à 3ª série do ensino fundamental o cotidiano dos picadeiros e desenvolver com elas uma série de atividades.

O projeto, denominado Circo na Educação Física, foi desenvolvido nos meses de março e abril, com brincadeiras adaptadas a cada faixa etária. No fim das aulas, um grupo foi ao circo Beto Carrero e outro à Escola Nacional de Circo. De acordo com Glauce, o objetivo foi despertar a imaginação das crianças, além de trabalhar a parte motora, equilíbrio, flexibilidade e força. O trabalho possibilitou também a descoberta de habilidades e a integração do grupo.

“Nós temos crianças que já passaram por situações muito difíceis. Percebemos que muitas não tinham sonhos nem objetivos. Então conseguimos, através deste trabalho lúdico, despertar a esperança e a imaginação delas”, ressalta a professora. Para ela, basta ter criatividade para a criança embarcar na aventura. Durante suas aulas, os alunos se transformaram em leões, domadores, mágicos e coelhos que saem de cartolas.

O segredo para garantir o interesse dos pequenos foi mergulhar fundo no imaginário infantil. Quando percebia que as crianças estavam desestimuladas, Glauce contava uma história fantástica sobre aquela atividade ou mudava as regras. Logo, os alunos passavam a ver tudo com outros olhos. “Falo que uma corda se transforma em uma ponte, que passa por cima do mar, cheio de peixinhos”, exemplifica a professora.

Malabaristas e equilibristas – Além de encarnar personagens circenses, os estudantes aprenderam a dar cambalhotas, andar em cima de uma corda no chão, equilibrando objetos, fazer malabarismo com garrafas e bolinhas e subir em pernas-de-pau. Muitos objetos usados durante as aulas também foram confeccionados pela garotada, sob a orientação da professora. Eles



Alunos imitam leões na aula de educação física

aprenderam a fazer bolas de meia e de jornal, pernas de latas de alumínio e pequenos bastões de pedaços de mangueiras de água. Com isso, primeiro se entretinham fabricando os objetos e, na aula seguinte, descobriam como usá-los.

Outro aspecto positivo do projeto, na avaliação da professora de educação física, foi a superação de obstáculos. Os alunos que tinham de andar nas pernas-de-pau, no início, tinham medo de cair. Aos poucos foram perdendo o medo e conseguiram se equilibrar em cima do apetrecho. Foi o caso do estudante da turma de progressão Jonathan dos Santos Gonzales, de nove anos. Ele aprendeu a ficar em pé nas pernas-de-pau e quer treinar mais para conseguir andar com elas. “Nunca fui a um circo. Mas gostei muito de saber como é”, comemora o aluno.

Além das atividades físicas, as aulas ganharam mais atrativos, já que os alunos puderam trabalhar outras habilidades. A professora Elaine Regina Vinhas, da educação infantil, fez com os alunos um painel só com os personagens do circo. Eles pintaram as figuras ao mesmo tempo em que aprendiam um pouco do que se passa sob a lona. Os alunos também produziram caricaturas, desenhos e cantaram músicas relacionadas ao tema do projeto. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Porta de entrada para o Rio

Berço da boemia e da Rádio Nacional, a Zona Portuária reúne histórias que marcaram décadas

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

REPRODUÇÕES DE ARQUIVO

A área portuária do Rio de Janeiro era imensa e acompanhava os contornos da Baía de Guanabara. Estendia-se da Glória até o fim do bairro do Caju, destacando-se a Praça XV, na época conhecida como Praia da Polé. Com o tempo, alguns trechos dessa orla foram ganhando importância e outros deixando para trás a sua origem. Foi numa área alagadiça, que margeava os morros de São Bento e da Conceição e se estendia até onde hoje está o bairro de São Cristovão, que a Zona Portuária se firmou.

O ponto crucial da região, a princípio conhecido como Prainha, foi durante muito tempo a principal porta de entrada dos suprimentos que vinham para a cidade em navios fundeados na baía, longe da costa. Muitas mudanças e décadas depois, a Prainha virou a Praça Mauá, que cresceu em importância por ser ponto de confluência de turistas, marinheiros, aventureiros e palco de manifestações populares. Seus novos contornos foram concluídos em 1910 e a praça recebeu o nome do pioneiro da industrialização brasileira, o Barão de Mauá, que ganhou ainda uma estátua assinada por Rodolfo Bernardelli.

O perfil do litoral da Prainha mudou drasticamente no mesmo período, com um grande aterro concluído em 1911, quando surgiram os armazéns dos cais. Mais de um século depois, a área foi escolhida para abrigar o primeiro ar-

ranha-céu do Brasil: o prédio do jornal *A Noite*, onde também funcionou a Rádio Nacional, símbolo de uma cidade que ditava moda para o país (*veja o quadro*). Próximo dali, está a Pedra do Sal, antes chamada de Pedra da Prainha, onde havia um mercado de escravos e moradia para os que procuravam trabalho na estiva.

O Rio foi a principal porta de entrada do país para os quase 1 milhão de africanos chegados nos navios negreiros. Sua zona portuária ainda concentrou grande número de negros sudaneses desembarcados na Bahia. Foi quando lá se estabeleceu a chamada “Pequena África”, considerada o berço do samba, com ampla participação dos estivadores. No Largo de São Francisco da Prainha, ou simplesmente Largo da Prainha, ainda hoje pulsam o samba e a boemia.

Comércio e turismo – As reformas urbanas da época do prefeito Pereira Passos demoliram cortiços e deslocaram a população pobre da região central para as encostas dos morros da região, que cresceram de forma completamente desordenada, iniciando o processo de favelização, o que naquela época não era motivo de preocupação. Mas juntinho à Praça Mauá, prevaleceram obras da época e uma vocação mercantil. O pequeno edifício da Estação Terminal de Passageiros do Porto ainda chama a atenção pela torre em estilo medieval e os belos vitrais no interior. Em frente, há ainda a rodo-



O Cais da Prainha registrado pela lente do fotógrafo Marc Ferrez, em panorâmica feita por volta de 1890

'A Noite' e a era do rádio

Inaugurado em 1930, o prédio do jornal *A Noite* foi o primeiro arranha-céu brasileiro, dando início à era de arquitetura inspirada no modelo norte-americano, em oposição ao europeu. Com 22 andares, que correspondem a 30 de um prédio moderno, devido a seu pé-direito alto, foi a maior construção estruturada em concreto armado de sua época. O prédio de *A Noite* tem referências *art-déco* na área externa, bem como nas áreas internas de uso comum, já desfiguradas por reformas.

"Alô, alô Brasil! Aqui fala a Rádio Nacional do Rio de Janeiro!". Esta frase, irradiada em 12 de setembro de 1936, marcou o início da emissora que se transformou na mais influente do Brasil nas duas décadas seguintes. Sediada no gigante da Praça Mauá, a Nacional atraía multidões para acompanhar seus programas de auditório e para ver de pertinho seus ídolos, fossem cantores, atores de sucesso como os da radionovela *O direito de nascer* ou de humoristas, especialmente os do elenco do programa *Balança, mas não cai*.

O projeto arquitetônico é do francês Joseph Gire, autor do desenho do Copacabana Palace. Associando o poder econômico das empresas lá instaladas ao *glamour* de sediar o meio de comunicação mais poderoso da época, o edifício fez fama com os concorridos restaurantes no térreo e no terraço superior, além da vista para a Baía de Guanabara.

Desde 1997, o prédio abriga a sede do INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial). A Rádio Nacional foi reinaugurada no dia 3 de julho de 2004, quando terminaram as obras que restauraram seu famoso auditório, estúdios de rádio e teatro.



viária Mariano Procópio, dois pontos que levaram ao desenvolvimento de atividades comerciais e de turismo.

No início do século XX, a movimentação no local era quase ininterrupta. À luz do dia, toda sorte de trabalhadores circulava por ali; ao cair da noite, a massa humana tomava outros contornos: era a hora dos cabarés, casas de dança e prostituição. Mas nem por isso o local era perigoso – as ocorrências policiais limitavam-se a pequenos furtos e a golpes de malandros, como os contos-do-vigário.

Essa mistura ainda permanece, com as boates, em oposição ao sagrado representado pelo barroco Mosteiro de São Bento, enquanto o moderno edifício comercial RB1, de linhas pós-modernas, faz frente ao setentão *A Noite*. Aos velhos frequentadores, juntam-se novos *habitués*, atraídos por festas, festivais de música, desfiles

e exposições. No meio dessa exuberância de "temas", dois símbolos da ordem: a Polícia Federal e o Arsenal de Marinha. Um pouco acima, no Morro da Conceição, uma fortaleza erigida no século XVIII e hoje tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A construção da Avenida Presidente Vargas, nos anos 1940, e do viaduto da Perimetral, na década 1970, causaram impacto nos bairros da área portuária. A antiga faixa litorânea ficou isolada do restante da cidade, o que a levou a entrar em decadência. Desde 2001, a Prefeitura, através do Instituto Pereira Passos (IPP), vem desenvolvendo estudos para criar meios de revitalização do local. Entre as propostas apresentadas pelo IPP, está a renovação do patrimônio arquitetônico e a recuperação de espaços ociosos para garantir o desenvolvimento econômico e social da região. ■

Uma vida dedicada à música

Com mais de 60 anos de atividade à frente de orquestras, Radamés Gnatalli influenciou gerações

TEXTO
DIANA PAULA DE SOUZA,
EDITORA DO PROGRAMA
SÉCULO XXI

FOTOS
ALBERTO JACOB FILHO

Comparado a Heitor Villa-Lobos, Radamés Gnatalli é considerado uma das mais importantes personalidades da música popular brasileira do século XX, dono de uma obra dispersa e difícil de mensurar. Exemplos dela são a introdução de *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, os arranjos de violinos, violas e violoncelos da gravação original de *Carinhoso*, de Pixinguinha, por Orlando Silva, e a base de instrumentação camerística de *Copacabana*, na voz do cantor Dick Farney. Este ano comemoram-se 100 anos de nascimento do compositor, arranjador, maestro e pianista.

Gnatalli atuou no cenário musical brasileiro por mais de seis décadas, influenciando diversas gerações de músicos. Gravou com o compositor Anibal Sardinha, o Garoto (1915-55), com o maestro Tom Jobim (1927-94), que o considerava um mestre, com o compositor baiano Dorival Caymmi, 92, e com o violonista Rafael Rabello (1962-95), entre outros. Foi pianista, regente, compositor e arranjador da Rádio Nacional por mais de 40 anos. Foi também o primeiro músico a montar uma orquestra de música popular brasileira e um dos pioneiros na gravação com bateria. Fez arranjos de diversas músicas conhecidas, entre elas *Aquarela do Brasil* e *Rosa*, de Pixinguinha. Morreu em 1988 em plena atividade, vítima de derrame.

Primeiros passos – Gnatalli nasceu em 27 de janeiro de 1906 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, filho de Adélia e de Alessandro Gnatalli. O nome Radamés foi uma homenagem ao personagem homônimo de *Aida*, ópera de Verdi. Iniciou-se no piano ainda criança, e em 1915, aos nove anos de idade, foi premiado por sua atuação como regente de uma orquestra infantil, que interpretou seus próprios arranjos.

Com 14 anos, ingressou no Conservatório de Porto Alegre, onde estudou piano, violino, solfejo e teoria musical. Freqüentava blocos de carnaval e participava de grupos de seresteiros, o que o levou a tocar violão e cavaquinho. Já na década de 1920, compôs suas primeiras pe-

ças eruditas com temáticas fortemente nacionalistas.

Em 1923, realizou um recital no Rio de Janeiro e os jornais da época destacaram a sua atuação. Na passagem pela cidade, conheceu Ernesto Nazareth, músico das sessões de cinema do Cine Odeon. A partir de então, fez outras apresentações no Rio e em São Paulo e obteve o reconhecimento da crítica especializada.

Foi comparado a Heitor Villa-Lobos pelo jornalista Ângelo Guido, do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, em 1931. Nesse mesmo ano, mudou-se definitivamente para o Rio. Para o violonista Rafael Rabello, um de seus discípulos, “o que Villa-Lobos fez com o Brasil folclórico e rural, Radamés fez com o folclore urbano brasileiro”.

A era do rádio – Já em 1934, foi contratado pela gravadora Victor e participou, dois anos depois, da inauguração da Rádio Nacional. Lá, atuou como pianista, solista, maestro, compositor e arranjador, trabalhando com todos os nomes consagrados da música de então. Gnatalli foi escolhido, em 1939, para representar o Brasil na Feira Mundial de Nova York. No mesmo ano, sua *Rapsódia* brasileira foi interpretada pela Orquestra da Rádio de Berlim.

A Orquestra Brasileira de Radamés Gnatalli, criada em 1943, interpretou os arranjos do compositor no programa *Um milhão de melodias*, da Rádio Nacional, uma espécie de parada musical com composições de diferentes partes do planeta. Para dar um toque brasileiro àqueles sucessos, Radamés passou a utilizar os instrumentos da orquestra de forma percussiva, obtendo efeitos inéditos até então.

Foi a partir de uma sugestão do baterista Luciano Perrone, que conheceu em 1925 e que lhe rendeu uma parceria de mais de 50 anos, que Gnatalli incorporou instrumentos de orquestra ao samba.

De acordo com o *site* Samba-Choro (www.samba-choro.com.br), “a partir desse arranjo fundador, rapidamente, Radamés foi in-



Compositor, arranjador, maestro e pianista, Radamés Gnattali influenciou gerações de músicos brasileiros

ventando uma linguagem orquestral que nada tinha a ver com o que era feito antes dele e muito pouco com as orquestrações norte-americanas para a mesma formação". *Aquarela do Brasil* foi a primeira canção a fazer sucesso utilizando esse conceito, o que fez com que Radamés adquirisse prestígio, tornando-se o mais solidificado e imitado arranjador da época.

Permanecendo 13 anos no ar, o programa possibilitou a Gnattali revolucionar a orquestração e a formação da orquestra, tornando-a mais brasileira, substituindo a base de jazz oriunda dos Estados Unidos, composta de piano, baixo, bateria e guitarra, por dois violões comandados por Garoto e Bola Sete; cavaquinho, a cargo de Zé Meneses; bateria e percussão, de Luciano Perrone; contrabaixo, Vidal; pandeiro, João da Bahiana; caixeta e prato com faca, Heitor dos Prazeres; e ganzá, tocado por Bide.

MPB e música erudita – Criado em 1949, o Quarteto Continental foi um dos primeiros grupos de formação instrumental pequena a tocar música popular brasileira com arranjos predefinidos. Era

formado por Radamés (piano), Luciano Perrone (bateria), José Meneses (violão) e Vidal (contrabaixo). Em 1950 Chiquinho do Acordeon passou a integrar a trupe, que em 1958 se tornou o Sexteto Radamés Gnattali, com o ingresso de Abel Ferreira (clarinete).

Com a decadência do rádio entre as décadas de 1960 e 70, Radamés perdeu projeção e ficou um pouco esquecido durante os anos da bossa nova. Isso o aproximou ainda mais da música erudita. Na década de 1970, formou o grupo Camerata Carioca, que aproximou o choro da música de câmara, marcando época com discos que uniam o gênero a uma linguagem instrumental contemporânea. Em plena atividade, Radamés sofreu dois derrames, em 1986 e 1987, este fatal.

Gnattali foi membro da Academia Brasileira de Música e da Academia de Música Popular Brasileira. Estudiosos apontam que a obra do maestro tornou-se mais conhecida do que ele. As centenas de arranjos que compôs podem facilmente soar familiares, sem que sejam, no entanto, associados ao autor. ■

Rádio, educação e cultura

A Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC está programando uma série de eventos gratuitos para divulgar a rádio educativo-cultural. No dia 17 deste mês, haverá audição guiada sobre programas de educação formal; no dia 24, a educadora Helena Theodoro fará palestra sobre o rádio como fator de transformação social. Nos dias 9 e 23 de novembro, novas audições. Para dezembro, estão programados dois debates: Programas em Rádios Comunitárias, (dia 7), e DJs e Programadores de Rádio – Semelhanças e Diferenças, (dia 14). Os eventos acontecem sempre às 17h30.

Rádio MEC

Praça da República, 141-A – Centro
Informações: 2221-7447

Mostra filatélica

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) anuncia a sua 19ª Exposição Filatélica Luso-Brasileira, para promover o estreitamento das relações de amizade entre os colecionadores portugueses e brasileiros.

Centro Cultural dos Correios

Rua Visconde de Itaboraí, 20 – Centro
Informações: 2253-1580
De 30 de outubro a 5 de novembro

Tempero musical

O projeto, com direção artística de Haroldo Costa, reúne grande nomes da MPB, às terças-feiras, a partir das 12h30, no Cine Odeon-BR. Os próximos shows acontecem em 14 de novembro e 12 de dezembro.

Cine Odeon BR

Praça Floriano, 7 – Cinelândia
Informações: 2240-1093
Ingressos a R\$ 5

Educar para a igualdade

Os Fóruns de Cidadania Rio Mulher, no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, têm como meta debater e desmistificar relações socioculturais de gênero, com temas como saúde,



DIVULGAÇÃO

Tradições nordestinas

Música, artesanato, literatura de cordel, comida e bebidas do Nordeste: tudo isso pode ser encontrado no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, onde funciona a Feira de São Cristóvão. Há três anos dentro do Pavilhão de São Cristóvão, a feira atrai cerca de 450 mil visitantes por mês. O local oferece boa infraestrutura, com pistas de dança,

palcos para shows, área para repentistas, 35 restaurantes de culinária típica, banheiros públicos e estacionamento.

Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

Campo de São Cristóvão, s/nº
Informações: 2580-0501
De terça a quinta, das 10h às 16h.
Fins de semana: das 10h de sexta-feira até as 22h de domingo.
Entrada franca

direitos sexuais e reprodutivos, políticas públicas, direitos da mulher, relações de trabalho, raça e etnia, educação e cultura. Até o fim do ano, estão programados mais dois encontros: Mulher, Política e Sua Participação em Esferas Decisórias de Poder, em outubro, e Autores de Violência – um Desafio a Ser Enfrentado, em novembro.

Centro de Artes Calouste Gulbenkian

Rua Benedito Hipólito, 125 - Praça Onze
Informações: 2222-0861, ramal 206.
Próximos fóruns: dias 26 de outubro e 30 de novembro, das 15h às 17h.
www.rio.rj.gov.br/riomulher/

Mês da garotada

Para divertir os pequeninos, não faltam atrações na cidade. Seguem três dicas que não pesam no bolso:

- **Cidade das Crianças** – Primeiro parque público temático da cidade, ocupa uma área de 186 mil metros quadrados, dividida em três ambientes. No setor A (Cidade/Cultura), a família encontra praças, píer, teleférico, lojas, praça de alimentação, parque de diversão,

teatro, museu da criança, biblioteca e teatro de marionetes. O setor B (Esporte) tem quadras poliesportivas, campo de futebol soçaite, quadra de tênis, pista de skate, anfiteatro, muro de escalada e piscinas. E no setor C (Campo), há um lago e brinquedos temáticos.
Endereço: Km 1 da BR 101 (Rio–Santos), em Santa Cruz.

Informações: 3395-1928. De terça a sexta-feira, das 8h às 17h.
Sábados e domingos, das 9h às 17h.

- **Sessão Criança** – A sala de cinema do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) apresenta filmes infantis sempre aos sábados, às 14h.
Endereço: Rua Primeiro de Março, 66 – Centro.

Informações: 3808-2020

- **Rádio Maluca** – No Auditório Radamés Gnattali, da Rádio Nacional, Zé Zuca promove uma programação divertida, com músicas e histórias.
Endereço: Praça Mauá, 7/21º andar – Centro. Informações: 2253-7856. Sábados, às 11h. Deve-se chegar com 15 minutos com antecedência. Entrada franca.

Treze contos de fadas que interagem simbolicamente com o inconsciente do leitor; um desabafo inédito do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau escrito no século XVIII; e alguns casos clínicos neurológicos e paradoxais do dr. Oliver Sacks que nos ajudam a compreender melhor o que somos. Esses são alguns dos destaques da coluna deste mês, que também indica um texto sobre as angústias enfrentadas por um menino adolescente que vai ser pai. Para fechar, um pouco de folguedo popular – a Congada de São Benedito, descrita no livro *O congo vem aí*.

Livros

Doze reis e a moça no labirinto do vento

Marina Colasanti

Editora Global, 2006

Treze contos de fadas que criam um universo mágico e intemporal que interage simbolicamente com o nosso inconsciente. Tecer uma nova vida com um pedaço de linha; conviver com os sonhos; dar vida ao ser amado, podando uma roseira; saber que o próprio tempo cansa-se das coisas do mundo; conhecer reinos fantásticos e seus labirintos; comover-se com o desespero da princesa que perdeu seu próprio reflexo; desvendar o mistério das garças encantadas que atraem homens para fora de suas aldeias; descobrir o que há por trás do rosto do guerreiro; acompanhar um príncipe em sua longa viagem pelos mistérios do mundo; conhecer a bela moça que, com seus cabelos, uniu dois reinos distantes, e saber do valor das palavras e do silêncio para o rei. Tudo ilustrado com o traço firme da autora.

Cartas escritas da montanha

Jean-Jacques Rousseau

Editora Unesp/Educ, 2006

Maria Constança Peres Pissara e Maria das Graças de Souza são responsáveis pela tradução desta primeira edição brasileira de uma das obras mais representativas do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-78). O que motivou a produção de *Cartas escritas da montanha* em 1763 foi a indignação do filósofo ante as condenações que sofreram suas obras

O contrato social e *Emílio* por parte do parlamento francês. Mais do que uma réplica em formato epistolar, este é um trabalho em que Rousseau discute as teses religiosas e políticas de seus escritos anteriores e reflete sobre o funcionamento das instituições de sua cidade de origem.

Um antropólogo em Marte

Oliver Sacks

Companhia das Letras, 2006

O que têm em comum o pintor que, em decorrência de um acidente, passa a enxergar o mundo em preto-e-branco, o rapaz cujas únicas lembranças se restringem ao final dos anos 1960 e o exímio cirurgião tomado por todo tipo de tiques (verbais e físicos) na vida cotidiana? Para o neurologista inglês Oliver Sacks (1933-), esses não são apenas casos clínicos extraordinários. Eles dizem respeito a indivíduos cujas vidas, pressionadas por situações-limite (por vezes trágicas, em geral dramáticas), podem nos ajudar a compreender melhor o que somos.

Meninos grávidos

Gilberto Amendola

Editoras Albatroz, Loqui e Terceiro Nome, 2006

De repente, de um namorico passageiro entre adolescentes, a menina engravida. Ela é acolhida pelos pais, a família, a comunidade e até pela sogra. Mas, e o rapaz? Cobrado, culpado, confuso, o que acontece com ele? O adolescente que vai ser pai fica grávido, quer acompanhar o processo



de gestação, quer cuidar do filho. No entanto é ignorado pelas autoridades – que praticamente desconhecem o problema – e pela sociedade, que nunca pensou mais seriamente nesses meninos-pais. Mas eles existem e exigem de nós reflexão, compreensão e atitude, no sentido de aliviar o impacto que a paternidade tem na vida desses meninos.

O congo vem aí

Sérgio Capparelli

Global Editora, 2006

O livro apresenta a Congada de São Benedito, festa tradicional do Brasil. Nela, a bandeira do Divino Espírito Santo é esperada por todos e, nas casas por onde pára, o Congo canta, dança, pede esmolas e é recebido com o melhor que cada um tem para oferecer.

canal	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30 Acesso MULTIRIO	Br@nchê (Língua Francesa) Juro que vi Animações sobre lendas brasileiras	Nós da Escola Temas: Círcos de Formação, Dia do Professor, entre outros	Encontros com a Midia* Convidados: Pedro Henrique Lessa, Wilson Lazaretti, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	9h-9h30 Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder (da 7) Maria Clara Machado (14)	É tempo de diversão** Aventuras Carifocas
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Acima do peso (21) Papagaios amarelos (28)	Encontros com a Midia Convidados: Pedro Henrique Lessa, Wilson Lazaretti, entre outros.
	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial A civilização do cacau (da 1) Brasil em movimento 32 – A guerra civil (8)
	8h-8h30	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Contos de Wilde Épicas animados	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão As religiões do mundo	Séries e documentários Mesa Brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MFB	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Contos de Wilde Épicas animados	quema civil (8) Maria Clara Machado (15) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (22) Acima do peso (28)
	8h30-9h	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio, Audiovisual, entre outros.	Nós da Escola Temas: Círcos de Formação, Dia do Professor, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Atletas do Rio Gerônimo e Cacófato Memórias Carifocas Aventuras Carifocas
	9h-9h30	As religiões do mundo	As religiões do mundo	As religiões do mundo	As religiões do mundo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio, Audiovisual, entre outros.
	9h30-10h	Documentário especial Brasil em movimento 32 – A guerra civil (da 2) Brasil em movimento 35 – Assalto ao poder (9) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (16) Acima do peso (22)	Documentário especial Brasil em movimento 32 – A guerra civil (da 2) Brasil em movimento 35 – Assalto ao poder (9) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (16) Acima do peso (22)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Viagem pela História Série que faz um passeio pela História	Mós da Escola Temas: Círcos de Formação, Dia do Professor, entre outros.
	10h-10h30	Noah e Sazkila Série australiana	Atletas do Rio Gerônimo e Cacófato Memórias Carifocas Aventuras Carifocas	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Viagem pela História Série que faz um passeio pela História	Mós da Escola Temas: Círcos de Formação, Dia do Professor, entre outros.
	10h30-11h	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	Cantos do Rio MFB
	11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca* Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Encantos com a Midia** Convidados: Pedro Henrique Lessa, Wilson Lazaretti, entre outros.
Net Educação	12h-12h30	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Reflets- Curso de Francês Gerônimo e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Br@nchê (Língua Francesa) Gerônimo e Cacófato	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	Encantos com a Midia** Convidados: Pedro Henrique Lessa, Wilson Lazaretti, entre outros.
	12h30-13h	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viagem pela História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Brasil em movimento 32 – A guerra civil (da 5) Maria Clara Machado (12) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (19) Acima do peso (26)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Acesso MULTIRIO O melhor da programação	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
	13h-13h30	Encantos com a Midia Convidados: Pedro Henrique Lessa, Wilson Lazaretti, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Nós da Escola Temas: Círcos de Formação, Dia do Professor, entre outros.	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h.

* Dia 12: Conversa de Criança – Paz, O menelgo sortudo, O Conque, Final feliz para a pequena vendedora de biscoitos;

** Dia 15: Especial Maria Clara Machado

XV JOGOS PAN-AMERICANOS

Atletas das escolas da Prefeitura.

Em busca de um lugar no pódio e na vida.

www.rio.rj.gov.br/RIO2007



Bárbara da Silva Leôncio,
o melhor tempo do mundo nos
200 metros rasos. Aluna da
Escola Municipal Silveira Sampaio



XV jogos pan-americanos

Este investimento
vale ouro para
a Cidade.

RIO



PREFEITURA



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

Ludicidade e escola

RIO

PREFEITURA
EDUCAÇÃO MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528 8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br